

CRENTE, LEIA A BÍBLIA

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

ÍNDICE

Introdução

A suprema revelação

O propósito da Bíblia

A palavra de Deus na vida do crente

E agora?

A leitura da Bíblia e a vida de oração

.oOo.

INTRODUÇÃO

Paradoxos surpreendentes caracterizam esta época que é o próprio paradoxo.

Nunca se falou tanto em paz, e jamais houve tantas tensões...

Nunca se promulgou tão vasta legislação social, e jamais houve tanta exploração do homem pelo homem...

Nunca se apregooou tanto amor, e jamais se odiou tanto...

Nunca se desfraldou tão alto a bandeira da liberdade, e jamais aconteceu tanta escravidão...

Nunca houve tanto progresso material, e jamais houve tanta insatisfação...

E a lista dos paradoxos continuaria infinda...

O título deste livro, porém, ressalta o paradoxo de todos os paradoxos.

Com multicoloridos cartazes, com faixas estendidas sobre as ruas, com “slogans” retumbantes nas emissoras, campanhas especiais para a divulgação da Bíblia são deflagradas por igrejas, grupos evangélicos e instituições similares... Grandes concentrações em praças públicas no Dia da Bíblia, com pomposos discursos e hinos vibrantes. Ofertas generosas são levantadas para manter custosas organizações...

Praças são designadas com o nome da Bíblia... Monumentos são erigidos em sua homenagem...

Grande empenho e esforços ingentes para a divulgação da Bíblia!

LEIA A BÍBLIA!, eis a recomendação insistente das igrejas e dos crentes ao povo... Você está triste? **LEIA A BÍBLIA!** Você está alegre? **LEIA A BÍBLIA!** Você está com algum problema? **LEIA A BÍBLIA!** Você está enfermo? **LEIA A BÍBLIA!**

Adotam-se todos os recursos no sentido de despertar o interesse popular pela leitura do Livro Santo.

Tenho para mim que o emprego de todos esses recursos revela a nossa fraqueza espiritual... Se estivéssemos cheios do Espírito Santo e revestidos do Seu poder, dispensaríamos tudo isso.

Nesse afã, ainda, não falta quem se valha de estranhos métodos... Uma instituição, porque quer dar a Bíblia à Pátria, paradoxalmente, anexou ao Novo Testamento, à imitação do “*Nihil Obstat*”, “a aprovação eclesiástica” de uma hierarquia clerical especializada diabolicamente em perseguir a Bíblia.

O paradoxo deste paradoxo, todavia, consiste no seguinte: os mesmos que recomendam **LEIA A BÍBLIA!** não a lêem.

Quanto conheço que nem os evangelhos leram uma única vez!

Crente, antes de mover outros a lerem o Livro Santo, leia-o você primeiro. Leia-o constante e convenientemente.

Vamos levar a Bíblia ao povo. Sim! Antes, porém, a fim de que possamos ter a devida autoridade, vamos levá-la ao nosso coração e nortear a nossa vida na conformidade com a soberana vontade do Senhor, cujas normas nela são registradas.

Todos esses empreendimentos ao sabor dos atuais métodos de propaganda comercial e política, por mui vistosos, são improdutivos. Poderão redundar na promoção de algum líder (?) ou de alguma instituição, não, porém, na autêntica promoção da Bíblia.

.oOo.

Este livro é uma conclamação vibrante: **CRENTE, LEIA A BÍBLIA!**

É uma mensagem de quem consagra inteiramente a sua vida ao ministério santo de semear a Palavra e anseia, de coração, que todos os salvos por Cristo se abeberem desse manancial inexaurível das mais preciosas bênçãos espirituais.

.oOo.

A SUPREMA REVELAÇÃO

Por que se tornam inescusáveis os homens que mudam “a glória de Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível” (Romanos 1.23)?

Simplesmente porque o homem tem a capacidade intelectual de, na contemplação do Universo criado, deduzir a existência do Criador, providência do mundo, soberano remunerador e fim último de todas as coisas. Por isso que o ateísmo e o materialismo são aberrações da mente humana. São formas de desvios psíquicos.

Com efeito, o homem normal, pelo seu raciocínio, pode concluir ser Deus o Criador e sentir o Seu eterno poder (Romanos 1.20). E deste conhecimento racional decorre o reconhecimento de certos deveres para com Deus e para com o próximo. Os próprios pagãos concluíram pela existência do Supremo Criador. Conta-nos a História que o filósofo Aristóteles, ao morrer, exclamou: “*Causa causarum, miserere mei!*”. “Causa de todas as causas, tem piedade de mim!”

Para ele, a Causa Suprema de todas as causas é o próprio Deus, de cuja misericórdia queria se valer no momento do seu desenlace.

Na estrutura de sua personalidade, o homem, além do livre arbítrio, é dotado de inteligência.

O livre arbítrio e a inteligência são os dois apanágios da alma!

O homem raciocina, compara e deduz. Torna-se evidente a necessidade de uma Causa Suprema para o Universo. Essa Causa, que nós chamamos Deus, não pode, logicamente, ser matéria. Tem de ser espiritual. Espírito Eterno!

Em conseqüência lógica, a idolatria, sob qualquer forma, é sempre uma aberração da própria personalidade humana, a ponto de se transformar em fonte de todos os desvios morais e de todas as paixões infames.

Se a idolatria, sob qualquer forma, é crime de lesa-Divindade, também é crime de lesa-personalidade. De lesa-inteligência!

.oOo.

A inteligência humana, contudo, é finita e, por mais alcandorados que lhe sejam os vãos de raciocínio, jamais poderá penetrar o Infinito e desvendar a vida íntima do Ente Supremo. Entre o finito e o Infinito medeia uma distância infinita.

Afora essa incapacidade congênita, a inteligência humana tem as suas asas enfraquecidas pelo pecado, cujas trevas impedem-na alçar-se a grandes alturas. As paixões obnubilam sua contemplação.

O pecado agrilhoa-nos à matéria! O pecado tolha-nos a agilidade de raciocinar e dificulta-nos deduzir conclusões lógicas e chegar, a não ser depois de penosos esforços, ao conhecimento da própria natureza com quem estamos diuturnamente em contato. As conquistas das ciências são produtos de ingentes imolações precisamente porque o pecado entenebrece nossa capacidade intelectual. A História da Ciência é uma torrente imensa de sacrifícios a atestar a existência, como entrave, do pecado em nossa alma! E a maior e a mais difícil ciência para o homem é conhecer-se a si próprio.

Com árduos esforços, a ciência atinente à simples matéria tem progredido. Mas a ciência do homem ainda engatinha.

O que o homem conhece de si próprio, e muito mal, são os seus ossos, as suas carnes, os seus órgãos físicos. Mas do conhecimento do seu psíquico está muito longe. O pecado é uma desgraça tão grande e debilita tanto o homem que nem pode conhecer-se a si mesmo!

Em assim sendo, como poderíamos conhecer melhor a Deus?

Prostramo-nos no abismo profundo do pecado e, por mais que fizéssemos, por maiores esforços que empreendéssemos, nunca poderíamos obter êxito em nossa elevação espiritual por não podermos atingir sequer um melhor conhecimento de Deus.

Nestas circunstâncias é que o Criador se apiedou do homem! Movido pela Sua misericórdia, revelou-se a nós!

Através da História dos homens, Deus foi revelando as Suas perfeições e os Seus atributos. A Sua própria vida divina! O Seu plano redentor para a criatura chafurdada nos seus delitos e pecados.

Manifestou exuberantemente o Seu amor falando pelos profetas, muitas vezes, e, por meio de acontecimentos históricos, de muitas maneiras.

Em plenitude, porém, falou-nos pelo Filho (Hebreus 1.1), a *“verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem”* (João 1.9).

Palavra íntima de Deus – o Verbo! – a própria inteligência de Deus revestiu-se de carne para, cheia de graça e de verdade, manifestar-nos a Verdade. A Verdade Eterna que é o próprio Deus!

O pecado cortou-nos as asas de nossa inteligência faminta de Verdade. A Verdade é o alimento da inteligência!

O Verbo – a Inteligência infinita de Deus! – em Quem se consubstancia a própria Verdade, que é Deus, ao tabernacular-se entre os homens, pôde proclamar: *“Eu sou a Verdade!”* (João 14.6).

A verdade eterna, infinita, que é o próprio Deus!

Sem Jesus Cristo, a plenitude infinita da Revelação Divina, a pobre inteligência humana, finita e enfraquecida, jamais vislumbraria essa Verdade.

Na sua luta desesperada de promoção humana, os homens têm conquistado algumas vitórias no conhecimento do terreno material. Mas que tremendo paradoxo! Quanto mais obtêm estas vitórias, mais insatisfeita está a sua inteligência por se reconhecer cada vez mais limitada. Por isso, o século do progresso material se caracteriza por uma imensa frustração, um desespero insopitável. Quanto mais descobre, tanto mais o homem tem fome da Verdade.

E, na sua natureza corrompida pelo pecado e desviada pelo orgulho, que é a causa íntima do pecado, a criatura humana busca a Verdade onde ela não se encontra. Quer encontrar a Verdade no seu próprio ser. No seu próprio orgulho. E atinge os paroxismos da loucura. As aberrações morais de hoje não são os paroxismos dessa loucura?

As aberrações da própria Arte, que deixou de ser a expressão do Belo, não são os paroxismos dessa loucura?

A autodestruição da humanidade pelo tabagismo, pelo alcoolismo, pelos entorpecentes, pelos alimentos industrializados e quimicalizados, pelos próprios medicamentos, não se constitui em sintomas do paroxismo dessa loucura.

.oOo.

Realizar-se-ia também como homem na exuberância de sua humanidade se o homem se abeberasse da Verdade infinita personificada em Jesus Cristo, a Verdade Divina encarnada.

Jesus Cristo é a Suprema Verdade revelada. É o apogeu, a culminância total da Revelação Divina.

Jesus Cristo é a Revelação Divina infinitamente completa, totalmente acabada. Exuberante! NEle se completou absolutamente a Revelação Divina para esta humanidade.

Durante 1.600 anos, Deus foi-se revelando nas páginas da Bíblia. Com Jesus Cristo encerrou-se esta Revelação e jamais ninguém poderá acrescentar nada à Bíblia!

Se em o Novo Testamento encontramos o cumprimento de muitas profecias do Antigo Testamento, a segunda parte da Bíblia é a plenitude da Revelação para esta Dispensação.

Com muita justeza as suas derradeiras palavras neotestamentárias foram as seguintes: *“Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das cousas que se acham escritas neste livro”* (Apocalipse 22.18-19).

.oOo.

A Bíblia, essa Revelação completa de Deus, nos transmite a mais inefável de todas as revelações.

Inundados com a luz da Revelação – e a Revelação culminou em Jesus Cristo, repitamo-lo – reconhecemos que, em Deus, há uma indizível paternidade.

Deus é Pai! Verdade luminosa a confundir a razão, mas que deixa a fé extasiada.

Deus é Pai! Desde toda a eternidade, antes dos albores do mundo, Deus gera um Filho, a Quem comunica a Sua natureza, as Suas perfeições, a Sua beatitude, a Sua vida. Porque gerar é comunicar o ser e a vida... *“Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei”* (Salmo 2.7; Hebreus 5.5). A vida que está em Deus é comunicada pelo Pai e recebida pelo Filho. Este Filho em tudo é igual ao Pai, é único: *“Filho unigênito de Deus”* (João 1.18). É único porque tem com o Pai uma mesma e indivisível natureza divina. E ambos, apesar de distintos um do outro como pessoas, estão unidos por um amplexo de amor poderoso e substancial, de quem procede a Terceira Pessoa, designada pela Revelação com o nome misterioso de Espírito Santo.

Deus é Pai! E eis que, não para aumentar a Sua plenitude, mas para enriquecer, por meio dela, alarga a Sua Paternidade. E decreta chamar do nada criaturas a fim de participarem dessa vida divina, transcendente! Por um transporte de amor, originado na plenitude do Ser e do Bem, que é o próprio Deus, essa vida transborda do coração da Divindade para cumular de felicidade, elevando-os acima de sua natureza, seres tirados do nada. A

estas criaturas, Deus conferiu-lhes a condição e o inefável dom de filhos. Deus é Pai! Por natureza só tem um Filho. Por amor terá inúmeros!

Deus é Pai! Quando o pecado transtornou os desígnios de Deus, que respeita o livre arbítrio de Sua criatura, capaz de optar pelo bem ou pelo mal, com um decreto de infinito amor restaura o Seu propósito de paternidade relativo à criatura rebelde. E o Filho unigênito, que vive eternamente no seio do Pai, une-se, no tempo, a uma natureza humana, mas numa união tão estreita e íntima que esta natureza, embora perfeita em si mesma, pertence em absoluto à Pessoa Divina a que está unida. É a obra admirável da encarnação! A vida divina comunicada em toda a sua plenitude a esta humanidade, fazendo dela a própria humanidade do Filho de Deus. E deste homem que se chama Jesus Cristo dizemos com toda razão que é o próprio Filho de Deus.

Deus é Pai! O Seu Filho unigênito vem a este mundo para ser o primogênito de todos os que O recebem (Romanos 8.29). Filho único, gerado pelo Pai nos esplendores eternos, Filho único por direito, é constituído primogênito duma multidão de irmãos, aos quais comunicará, pela Sua obra redentora, a graça da vida divina. Admirável revelação! Revelação do incomensurável amor de Deus, o Pai! Quando a nossa inteligência finita e obscurecida pelo pecado poderá desvendá-la? A mesma vida divina que, do Pai, deriva para o Filho, que, do Filho, se derrama sobre a humanidade de Jesus, circulará, por Cristo, em todos aqueles que quiserem recebê-lo. E arrebatá-los-á até ao coração beatificante do Pai, onde nos precedeu (João 16.2; 20.17) após haver saldado com o Seu sangue o preço de tão inefável dom.

.oOo.

O PROPÓSITO DA BÍBLIA

Além de se revelar aos homens e manifestar-lhes Seus atributos e o Seu amor como Pai, consoante 2ª Timóteo 3.15-17, é duplo o propósito do Senhor ao nos dar a Bíblia: revelar ao pecador o Seu plano salvífico (propósito de salvação) e entregar ao salvo um meio para a sua promoção espiritual (propósito de crescimento na graça).

“Desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2ª Timóteo 3.15-17).

1 - PROPÓSITO DE SALVAÇÃO

É da experiência de todo crente! O irmão não se recorda de que, pela instrumentalidade da Palavra, é que chegou ao reconhecimento de sua condição de pecador e ao conhecimento maravilhoso de Cristo, a sua única esperança de salvação?

Desde os seis anos de idade, busquei salvação.

Busquei-a nas penitências: quantos jejuns, quantas macerações... Vezes sem conta dormi sem agasalho algum em noites geladas de inverno... Tantas vezes coloquei pedrinhas em meus sapatos para ferirem meus pés porque à custa do meu sangue queria merecer salvação...

Busquei-a na distribuição de esmolas: quantos lanches distribuí na escola a colegas pobres durante a minha infância... E, pelo espaço de oito anos, no Recife, dirigi a Companhia de Caridade, uma vasta rede de orfanatos para crianças desamparadas e asilos para velhos desvalidos, criando milhares de órfãos e protegendo centenas e centenas desses velhos...

Busquei-a em tantas devoções: na prática das chamadas nove primeiras sextas-feiras; no uso do escapulário da Senhora do Carmo; nas três Ave-Marias diárias à Imaculada Conceição; no fervor a “São” José, tido como padroeiro dos moribundos...

Busquei-a em tantos exercícios de piedade: romarias, procissões, rosários, novenas...

Busquei-a no sacerdócio católico...

Busquei-a na prática dos sacramentos: ouvindo confissões e confessando-me também; celebrando missas, ocasiões em que tantas vezes, ao segurar a hóstia, crendo ser ela o próprio Cristo, clamava: Ó Cristo, dá-me salvação! E o Cristo da hóstia jamais me deu paz na certeza da minha salvação!

Busquei-a na fidelidade incondicional ao papa, que julgava infalível, como vigário de Cristo, e a quem amei com entusiasmo...

Busquei a salvação por tantos labirintos... Com tantas lágrimas... Em tantos clamores... No meio de angústia inenarrável...

Busquei-a no serviço entusiasta ao catolicismo, “fora do qual não se encontra a salvação”, conforme me haviam ensinado e eu cria.

Busquei-a na aplicação efetiva da tese jesuíta de que o fim justifica os meios, carreando para a hierarquia eclesiástica com quem se identifica a “igreja”, conforme acreditava, patrimônios valiosos e posições destacadas...

Busquei-a na perseguição violenta contra as ovelhas alheias ao redil católico-romano... Quanta literatura evangélica queimei... Cheguei a destruir uma casa de oração...

Um dia, ao experimentar o mais pungente desapontamento, quando pensei em valer-me do suicídio, veio-me às mãos um exemplar da Bíblia.

Há dez anos padre e eu não conhecia a Palavra de Deus!

Trouxe-me sua leitura um grande lenitivo. Mas, na medida que lia, dias posteriores, a Palavra de Deus começou a me acusar. Era a Espada de dois gumes a penetrar o âmago de minha alma e a revelar-me tão grande pecador como qualquer outro... E, como padre, principal pecador... Dentre os piores, o pior deles...

Reconheci-me mentiroso (Provérbios 30.6) por praticar, como padre, tanta coisa condenada por Deus.

Organizei num domingo uma retumbante procissão e, encerradas minhas atividades, à noite, fui continuar a ler a Bíblia em Isaías, onde o Senhor me mostrou a iniquidade que praticara com aquela procissão (Isaías 45.20).

No auge da revolta, rasguei aquela página com toda a violência e atirei o volume sagrado debaixo do guarda-roupa. Transtornado com aquela acusação de Isaías 45.20, fui me deitar. As horas da madrugada avançavam e me deixavam insone a rolar na cama. Já com o coração desanuviado da crise de revolta, levantei-me e fui recolher a Bíblia.

Até então o meu coração enganado havia me iludido!

Quanta luta! Quanto sofrimento!

Quem ler a minha biografia registrada no livro “ESSE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA” verificará a imensidão das minhas torturas no anseio incontido de salvação, mesmo dentro da idolatria e do eclesiastismo.

E a Bíblia promoveu a gigantesca tarefa de limpeza de minha alma. Um a um foram ruindo nos refolhos da minha alma todos os dogmas católicos estruturados solidamente pelo processo de lavagem cerebral que a formação católica, sobretudo no seminário, havia feito em mim.

Os crentes de Guaratinguetá, onde eu exercia o paróquio, encetaram vasta campanha de distribuição de literatura evangelística. Literatura agressiva contra o pecado e as hostes de Satanás. Num sábado, à larga, espalharam um folheto sobre a condenação ao culto idolátrico das imagens. Desinteressei-me de respondê-lo. No domingo, ao me paramentar para a missa das 7 horas, procurou-me na sacristia uma senhora muito amiga e credenciada ao meu reconhecimento por sua constante e valiosa cooperação em minhas atividades. Exibiu-me, indignada, o folheto exigindo-me que desse ao povo católico uma explicação com argumentos contestantes. Impossibilitado de outra escolha, mandei o meu ajudante apanhar a Bíblia em meus aposentos. E à estação da missa, revestido com aquelas vestes procedentes do paganismo que me caucionavam como autoridade eclesiástica diante do povo, abri o folheto e, para conferir, fiz o mesmo com a Bíblia.

Com pretensões de arrasar os “hereges”, passei a ler Êxodo 20. Li o 1º versículo. O 2º também. E o 3º. Alinhavei comentários despropositados,

incoerentes e longe do assunto. Meus olhos bateram no 4º versículo. E no 5º. E não os li! Sabia que, se os lesse, teria dado armas para os meus adversários. Apelei aos meus fiéis que fossem mui fervorosos e devotos de “Nossa Senhora”, o martelo das heresias (?). Desci do púlpito. Envergonhadíssimo comigo mesmo.

À noite, cumprido todo o meu programa dominical, tranquei-me em casa e decidi tirar a limpo a questão do culto às imagens. Desci das prateleiras todos os compêndios de teologia dogmática. De joelhos, rezei um terço do rosário de “Nossa Senhora”. Li e reli, pausadamente, analisando, todos os carunchosos argumentos daquela teologia na defesa do culto idolátrico. Dentre eles, o que mais me impressionava era a ordem de Deus, mandando fazer imagens. A teologia dogmática lembrava-me o fato de haver Moisés, sob ordem divina, construído uma serpente de bronze, pondo-a numa haste, e todo mordido por alguma serpente venenosa, olhando-a, sarava (Números 21.6-9).

Já cansado, ao conferir esta passagem na Bíblia, fiquei convencido de que, realmente, Deus não só autorizava o culto às imagens, mas ordenara que se fizessem. Satisfeito, pervagava o olhar pelas estantes de livros. Preparei-me para dormir e agradei a “Nossa Senhora” a graça que me concedera de haver firmado, com o exame da própria Bíblia, minhas convicções quanto àquele culto.

Ao ir apagar as luzes do meu escritório, contudo, abri ao acaso a Bíblia justamente em 2º Reis 18 e li que Ezequias fizera *“o que era reto perante o Senhor, segundo tudo o que fizera Davi, seu pai. Removeu os altos, quebrou as colunas e deitou abaixo o poste-ídolo; e fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés fizera, porque até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso e lhe chamavam Neustã”* (2º Reis 18.3-4).

Atordoado com a nova descoberta e muito revoltado porque os compêndios de teologia encobriam essa passagem das Escrituras, fui aprofundar-me no estudo da questão.

Faz-se mister agora uma observação sumamente importante. Desde o início, sentia-me preso às explicações daquelas notas em rodapé, que as chamadas Bíblias católicas trazem. Aliás, elas são postas aí precisamente para confundir os católicos e, assim, conservá-los no redil do papa. Acrescentam explicações ao sabor da dogmática clerical. Com um exemplar desses, reconheci-me sem a devida liberdade para um exame sério. É um desserviço oferecer-se a um católico uma Bíblia dessas!

Apanhei uma daquelas que sempre recolhia dos meus fiéis. Uma Bíblia protestante, como chamava. Senti-me desvencilhado de quaisquer peias. Quando clareou a segunda-feira, já não cria mais nas imagens. Quebrei as que, devotamente, tinha no oratório do meu quarto. E, traumatizado com aquela tremenda luta, passei acamado dois dias, ardendo em febre...

.oOo.

Há muito crente por aí iludido. Inclusive pastores! Supõem que o catolicismo mudou depois do Concílio Ecumênico Vaticano II. Como são ingênuos!

Saí da batina em plena efervescência ecumênica. Participei de muitos debates preparatórios. Preenchi muitos formulários, que foram endereçados às aulas conciliares. Aliás, converti-me em novembro de 1961 e só tirei a batina em maio de 1965. Uma das razões porque fiquei lá dentro todo esse tempo era a minha esperança de que a hierarquia eclesiástica levasse o catolicismo à genuína Fonte de Revelação Divina, a Bíblia.

Isso não aconteceu! Nem pode acontecer! Ao contrário! O Concílio Ecumênico Vaticano II levou o catolicismo a distanciar-se ainda mais da Bíblia.

Não há lá dentro reforma alguma. O que aconteceu foi apenas uma caiação. A estrutura permanece a mesma. Solidamente a mesma. Só os ingênuos podem esperar mudanças profundas e verdadeiras no catolicismo.

O culto às imagens continua firme. Como sempre. Por tática, alguns padres retiraram algumas imagens dos seus pagodes.

Na liturgia renovada pelo Concílio continua, numa das partes da sexta-feira chamada santa, a adoração da cruz. Adoração, sim, senhores!

E a Constituição Dogmática – ressalto o adjetivo: Dogmática – intitulada “*Lumen Gentium*”, cujos artigos se constituem em dogmas, no item 67, diz: “Observem religiosamente o que em tempos passados foi decretado sobre o culto das imagens de Cristo, da Bem-Aventurada Virgem e dos Santos”. Não se mudou coisa alguma! Religiosamente, os católicos devem observar o que em tempos passados... O passado idolátrico deve continuar.

Se nos nossos seminários houvesse estudo acurado das doutrinas católicas, muitos pastores não diriam tantas sandices.

Com toda humildade, peço ao irmãos que leiam os meus livros: “O VATICANO E A BÍBLIA”, “SERÁ QUE O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?” e “ESSAS BÍBLIAS CATÓLICAS!!!”.

.oOo.

Fechado o parêntesis, prossigamos.

A Palavra de Deus se constituiu também para mim em o “*martelo que esmiúça a pedra*” (Jeremias 23.29).

A Palavra de Deus é luz. E iluminou-me, clareou os meus caminhos e me levou a Jesus Cristo, que aceitei como meu único, todo-suficiente e pessoal Salvador.

E, às 2 e meia da madrugada de 8 de novembro de 1961, encontrei a salvação longa e ardentemente buscada!

Não é da sua experiência também, meu irmão? Você não foi levado pela Palavra de Deus ao conhecimento de sua condição de perdido e à aceitação de Jesus Cristo como seu eterno Salvador?

Com toda segurança, posso afirmar: *“Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”* (1ª Pedro 1.23).

E é porque o amado irmão sabe e está convencido por experiência própria que as Sagradas Escrituras têm poder de tornar o pecador *“sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”* (2ª Timóteo 3.15), que o irmão, no seu ministério evangelizante, se utiliza delas.

Você seleciona os textos que demonstram a triste condição do pecador nos seus delitos e pecados, a absoluta insuficiência das boas obras para a aquisição de méritos e o poder glorioso de Jesus Cristo para a salvação do seu interlocutor.

Você faz essa pessoa ler essas passagens bíblicas ou você mesmo as lê para ela ouvir.

O irmão está convencido de que nenhum servo de Deus pode proclamar o divino plano de salvação se não for pela autoridade da Bíblia. Por isso, na sua gloriosa tarefa de ganhar almas para o Reino, empunha a *“candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça”* (2ª Pedro 1.19) no coração do seu evangelizando.

Sim! A sua experiência pessoal e o seu trabalho de evangelizar comprovam sobejamente a assertiva de Paulo: As Sagradas Letras têm poder de esclarecer o pecador sobre o simples e sublime Plano Divino de Salvação, que é pela fé exclusiva em Jesus Cristo (2ª Timóteo 3.15).

De minha parte, resta-me, com emoção, tributar ao Senhor de misericórdia o haver-me concedido luz pela Sua Palavra, que clareou os mais íntimos desvãos de minha alma e me conduziu à salvação que há em Jesus Cristo. Agradeço-Lhe, outrossim, a incumbência de, Bíblia em punho, proclamar de cidade em cidade, de vila em vila, que só Cristo salva o pecador!

2 - PROPÓSITO DE CRESCIMENTO NA GRAÇA

Se, por acaso, o propósito de Deus quanto à Bíblia se resumisse em nos revelar Suas perfeições, Sua qualidade de Pai e Seu plano de salvação para o pecador, já seria motivo de Lhe rendermos graças contínuas.

Acontece, todavia, que ela se enquadra em outro propósito divino, constituindo-se num verdadeiro manancial em favor do crente chamado a crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2ª Pedro 3.18).

A Bíblia cumpre, por conseguinte, como efeito da misericórdia divina, um objetivo definido no plano de santificação do crente.

Todos os mandamentos de Jesus para os Seus discípulos podem se resumir neste, como numa síntese: *“Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”* (Mateus 5.48).

Aliás, o Senhor sempre exigiu que os Seus servos fossem santos porque Ele é santo. *“Eu sou o Senhor, vosso Deus... sereis santos porque Eu sou santo”* (Levítico 11.44).

Plenamente compreendeu Paulo esta nossa vocação ao lembrar em Efésios 1.4 que Deus nos escolheu em Cristo *“antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele”*. E em 1ª Tessalonicenses 4.3, sublinha: *“Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação”*.

Note o amado irmão qual é o modelo da perfeição do crente. Não nos é proposto como exemplar o impetuoso Pedro porque, se o fosse, facilmente nos desiludiríamos a nós mesmos. Não é o delicado João. Nem o corajoso Batista, embora não haja nascido entre os filhos de mulher alguém maior do que ele (Mateus 11.11). Não é Paulo Apóstolo separado desde o ventre materno para o Evangelho de Deus (Romanos 1.1; Gálatas 1.15-16). Não é Maria, a mãe carnal de Jesus e bem-aventurada porque creu (Lucas 1.45). Não é nenhum servo do Senhor, em que pese sua dedicação e seu heroísmo.

O modelo da nossa perfeição é infinitamente mais alto. É o próprio Deus!

“Sereis santos, porque Eu sou santo”, ordena o Senhor. A razão porque devemos ser santos é ser o nosso Senhor santo. E, por isso, Ele se constitui em nosso exemplo. *“Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”*, estabeleceu Jesus.

Evidentemente que, nessa busca da perfeição, o crente deve ser um permanente insatisfeito. Deve procurar mais. Cada vez mais. Sempre cada vez mais crescer na graça.

Paulo sublinha a necessidade da Palavra de Deus neste afã de perfeição, observando: *“A fim de que o homem de Deus seja perfeito”* (2ª Timóteo 3.17).

Homem de Deus é o crente!

O crente é que precisa ser perfeito.

Perfeito! Perfeito mesmo!!!

“E perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2ª Timóteo 3.16).

Notou o irmão como o Senhor não se contenta com pouco? Ele nos quer perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra... Porque a nossa perfeição aqui nesse mundo se demonstra pelo testemunho da nossa vida.

Em oração enfatize a vivência deste desejo alcandorado do Pai: o seu aperfeiçoamento e a sua cabal habilitação para toda boa obra.

O amado irmão foi salvo pela graça misericordiosa do nosso grande Deus. Nunca pelo valor de suas obras...

Ao tempo de padre cheguei a considerar a prática da caridade como a suprema boa obra da qual poder-se-iam decorrer méritos para a minha salvação. Por isso empenhei-me denodadamente em criar órfãos desamparados aos milhares e socorrer, às centenas, velhos desvalidos. Depois de oito anos de intensas atividades caritativas, numa amarga experiência de frustração, concluí sobre a inutilidade dessas atividades no sentido de merecer a minha salvação.

O irmão conhece bem os versos 8 e 9 do capítulo 2 de Efésios: *“Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie”*.

Se nós pudéssemos nos salvar em decorrência de méritos pessoais provenientes de nossas boas obras, o céu seria o reino dos orgulhosos. Não seria céu!!!

Afinal, quem admite, como ao tempo de sacerdote eu admitia, poder merecer salvação por suas próprias boas obras é porque não crê no céu...

Disto o crente está plenamente convencido e, como conseqüência, humildemente, ao se reconhecer de mãos vazias diante de Deus, aceitou Jesus Cristo, como a sua única esperança.

A mensagem de Paulo sobre as boas obras na carta aos Efésios não apresenta somente esse aspecto negativo dos versos 8 e 9. Há o lado positivo, porque a mesma mensagem prossegue no versículo 10, destacando: *“Pois somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”*.

Observe o irmão: o crente é feitura de Deus e criado em Cristo Jesus. Certo! É a nossa salvação dependente da graça misericordiosa de Deus que está em Cristo Jesus. É por esta graça que o crente também está em Cristo Jesus.

Mas o irmão foi regenerado (João 3.1-15) porque criado em Cristo Jesus!

Mas o irmão vinculou-se a uma herança incorruptível porque criado em Cristo Jesus!

Mas o irmão participa da raça eleita, do sacerdócio real, da nação santa, desse povo de propriedade exclusiva de Deus (1ª Pedro 2.9) porque criado em Cristo Jesus!

Porque criado em Cristo Jesus tantos privilégios exornam uma pessoa, como nova criatura (2ª Coríntios 5.17).

São esses os efeitos do glorioso fato de haver sido o irmão criado em Cristo Jesus quando de sua conversão.

Agora, qual é a finalidade, o objetivo desta criação em Cristo Jesus?

Para que o irmão foi criado em Cristo Jesus?

Para as boas obras!!!

As boas obras não produzem salvação, mas decorrem da salvação. Não são causa. São efeitos. São frutos!

Se elas não têm lugar no tocante à regeneração, têm o seu lugar essencial na vida do crente como produto da regeneração.

As obras evidenciam a salvação. *“Eu, com as obras, te mostrarei a minha fé”*, inspirado, sentença Tiago 2.18.

Pelo fato de haver sido o irmão enxertado em Jesus Cristo, conseqüentemente em seu testemunho precisa realizar as boas obras seguindo o plano divino de sua santificação porque *“elas, de antemão, foram preparadas por Deus para que andássemos nelas”*.

Essas boas obras em sua vida de crente fazem parte integrante do plano de Deus para sua santificação. São dadas a nós pela direção de Deus, que *“de antemão as preparou para que andássemos nelas”*. Nessa conformidade, o crente deve orientar a sua vida dentro das linhas divinamente planejadas, seguindo um modo de viver preparado por Deus. O Evangelho não é estático. É de um dinamismo exuberante a levar o crente, pelo seu testemunho, a ser sinal da presença de Cristo no mundo.

E a Bíblia é o tesouro inesgotável de informações sobre a diversidade imensa, incalculável, dessas boas obras, que não se limitam à prática de atos caritativos, como muitos supõem.

O crente tem necessidade de ler cuidadosamente a Bíblia com a intenção de encontrar as muitíssimas obras do plano de Deus para a sua vida.

Se o Senhor nos fala através de Sua Palavra, Ele também, e de maneira inaudita, nos ensina ou nos recorda o programa de boas obras a nós atribuído.

O crente, pois, que não lê as Escrituras com a sede de perfeição que o deve caracterizar, jamais terá vida espiritual vitoriosa. E frustra, pelo seu testemunho negativo, o sublime programa de Deus, o que terá repercussões eternas, porquanto deixará de acrescentar galardões à sua coroa.

Neste instante, faço uma interrupção neste trabalho para orar fervorosamente ao Senhor, no sentido de que o amado irmão entenda esta mensagem e anseie cada vez mais por crescer na graça, cumprindo o esplêndido programa de boas obras que Deus lhe reserva. Que o irmão progrida ininterruptamente na perfeição espiritual a que foi chamado! Que a sua vida seja um vibrante testemunho da inefável realidade do fato de haver o irmão sido criado em Cristo Jesus! Que a leitura diuturna das Sagradas Escrituras o esclareça e capacite de maneira crescente *“a fim de poder compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus”* (Efésios 3.18-19).

Irmão, Deus o chama à plenitude! À plenitude de Sua graça! À plenitude do conhecimento de Cristo Jesus! À plenitude do gozo do Seu amor! À plenitude da alegria da salvação! À plenitude da perfeição no exercício das boas obras! À plenitude dos galardões no céu!

Daí o Seu propósito relativo à Bíblia como instrumento na santificação do crente.

.oOo.

A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DO CRENTE

Como instrumento do Espírito Santo, a Bíblia atua na regeneração do perdido e também promove o crescimento espiritual do salvo, consoante o duplo propósito de Deus.

Verificamos no capítulo anterior que, por sua leitura e meditação, o crente poderá crescer na graça em busca do seu aperfeiçoamento espiritual, movendo-o à prática de boas obras num eloqüente testemunho de sua condição de salvo e criado em Cristo Jesus.

Na efetivação desse propósito divino relativo ao crente – *“a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (2ª Timóteo 3.17) – como instrumento santificador do Espírito Santo, ela é *“útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”* (2ª Timóteo 3.16).

1 - A BÍBLIA É ÚTIL PARA O ENSINO

É uma constância, sobretudo em o Novo Testamento, ter a Palavra de Deus o condão de mover o pecador à fé evangélica.

Fé evangélica que move a inteligência a aderir à verdade revelada por Deus que não se engana e nem pode enganar e move o coração a confiar decididamente nEle e a aceitar o Seu Filho como único e todossuficiente Salvador.

Em Jerusalém, após o primeiro sermão de Pedro, no Pentecoste, *“os que lhe aceitaram a palavra foram batizados”* (Atos 2.41). Após a cura do paralítico, o mesmo apóstolo teve oportunidade de pregar outra vez e muitos *“dos que ouviram a palavra a aceitaram”* (Atos 4.4).

Quando os judeus obstinados e procrastinadores, em Antioquia da Pisídia, *“contradiziam o que Paulo falava”* (Atos 13.45), decidiu o Apóstolo deixar de vez os judeus e ir-se aos gentios que, *“ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”* (Atos 13.48).

Mas a Bíblia, cuja leitura apela à fé, é útil ao próprio crente, o justificado, porquanto vem instruí-lo na mesma fé.

Pela fé o pecador tem acesso à salvação merecida em nosso favor por Cristo. *“O homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei”* (Romanos 3.28). Por isso a verdade do Evangelho é soberanamente exaltada por Paulo: *“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado”* (Gálatas 2.16).

Pela fé, outrossim, e exclusivamente pela fé, e nunca por merecimentos provenientes de obras, é que o crente pode receber as bênçãos de Deus.

Se pela fé o pecador tem acesso à salvação, é pela mesma fé que o justificado tem acesso ao crescimento espiritual.

A Palavra de Deus é útil para o ensino do crente porque ensina-lhe a fé e abre-lhe os olhos para a grande verdade de que: *“O justo viverá pela fé!”*

Este versículo encerra uma lição extraordinária para o crente, cujo clima espiritual é a fé, o amor traduzido em confiança. Por isso, dada a sua importância, é ele exposto em Habacuque 2.4 e repetido por Paulo, o teólogo da fé, em Romanos 1.17, em Gálatas 3.11 e em Hebreus 10.38, os seus três documentos onde exalta extraordinariamente a fé.

Este versículo tem impressionado muitos servos de Deus por revelar-lhes ser a fé o meio ambiente propício ao crescimento na graça e à consecução do nosso aperfeiçoamento nos moldes do Pai celeste.

Não foi, aliás, sem motivo que, em Sua oração sacerdotal, Jesus impetrou: *“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em Mim, por intermédio da sua palavra”* (João 17.20).

Que a oração de Jesus encontre ressonância em seu coração!

Meu amado irmão, faça sua a oração dos discípulos: *“Aumenta-nos a fé!”* (Lucas 17.5).

O Senhor atenderá a sua súplica permitindo que o Seu Espírito o ilumine através de Sua Palavra para que a sua fé seja acrescentada.

Aos seus tessalonicenses, o Apóstolo escrevia: *“Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes”* (1ª Tessalonicenses 2.13).

E a maior bênção que ela opera no crente é o aumento da fé. É colocá-lo sob os eflúvios da fé. É aquecer o seu coração envolto na fé.

Qual a razão de muitos crentes fraquejarem?

É que, na força da sua carne e nos impulsos do seu temperamento, procuram o dom do crescimento espiritual. Estão agarrados aos seus

pontos de vista pessoais e, por mui excelentes que sejam os seus programas, fracassam. E depois desanimam.

Já se faz comum aquela observação sintomática de grave enfermidade espiritual: quando se é crente novo, tem-se muito entusiasmo e consagração; com o passar do tempo, acostuma-se e se acomoda. De início, muito entusiasmo e, depois, frieza!

Qual o motivo desta desgraça, quando o lógico, o normal, seria o crente entusiasmar-se cada vez mais, consagrar-se cada vez mais?

É que ele, lamentavelmente, não vive pela fé. Não vive na fé.

Fé significa dependência amorosa de Deus! E ele não quer, em sua vida espiritual, depender de Deus.

A languidez espiritual produz frouxidão moral. Produz gosto pelas coisas do mundo. Em conseqüência, em muitas de nossas igrejas, verdadeiros clubes sociais, onde não se respira um clima de fé, entra em avalanche o mundanismo. E do seu púlpito, o Evangelho pregado não é o de Jesus Cristo. É um mini-evangelho para um cristianismo tacanho e de rotina. O seu culto é um culto formalista onde se exibem penteados, vestidos de moda, e onde desfilam exposições de vaidade nos números especiais apresentados.

E, como conseqüência inevitável, aberrações doutrinárias...

Os desvios doutrinários sempre foram produzidos pela frouxidão moral causada, por sua vez, pela falta de vivência da fé. Daí a onda modernista e ecumenista.

Ecumenismo, modernismo, mundanismo, todos, conluiados, procedem da falta de dependência de Deus numa vida autenticamente de fé.

O que é pedido aos servos que somos é sermos fiéis a Cristo. E não há fidelidade para o crente a não ser na fé plena do Evangelho.

Basta de Cristianismo de fachada! Aliás, esterilizado em si mesmo, não suportará as avalanches das contestações hodiernas e os seus seguidores também capitularão.

Mais do que nunca, nesta hora de tantas apostasias, levadas *“por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”* (1ª Timóteo 4.1), faz-se necessário que os crentes, com sofreguidão, busquem crescer na fé por meio da Palavra de Deus, útil para o ensino da fé.

Faz-se mister, pelo estudo e meditação da Bíblia, saturarem-se de suas doutrinas e delas viver sem reboços, recuos ou convênios com correntes teológicas nascidas do orgulho de pretensos líderes intelectuais.

No espírito de convicção, o crente precisa colocar as doutrinas bíblicas acima até dos interesses do seu grupo denominacional.

Ao crente descuidado do estudo e da meditação das Sagradas Escrituras acontece não ser a sua fé tão pessoal e as suas opiniões tão independentes quanto imagina. Muito mais do que percebe, é ele condicionado e limitado pelas convenções produzidas pelo seu ambiente.

Imperceptivelmente, sua fé e o seu pensamento estão arraigados em um ou outro isolamento religioso.

Para ilustrar, vou citar um fato.

Certa ocasião, o assunto da nossa conversa derivou para determinada tese contestada por quem realmente conhece a Bíblia. Meu interlocutor defendeu com vivacidade o seu ponto de vista, arrolando, em abono, passagens bíblicas. Sua esposa, de parceria com o marido, exaltou-se. E, pelo bem da paz, mudei o assunto da conversa. Horas depois, encontrei o meu contendor tranqüilo na solidão do seu gabinete de estudos. Ao lhe perguntar se estava diante de Deus sinceramente convencido de que as passagens bíblicas invocadas por ele na discussão de fato ofereciam base para a defesa do seu ponto de vista teológico, respondeu-me com os olhos marejados em lágrimas: “Mas o irmão precisa lembrar-se que pertenço a tal denominação!”

Muitos são assim: Colocam as doutrinas denominacionais acima da Bíblia e, hipocritamente, proclamam aceitar a Bíblia como única regra de fé.

Gostosamente incorrem na denominaciolatria! Orgulham-se dos seus estatutos, de sua história como grupo, dos seus pactos de doutrina, da máquina eclesiástica manobrada por seus líderes cheios de empáfia... E nem se dão conta da necessidade de proceder, à luz da Bíblia, uma revisão sincera das doutrinas que esposam.

Doutra feita encontrei-me com um engenheiro muito talentoso. Entusiasta seguidor de uma denominação, sugeriu-me agregar-me a ela. Fiz-lhe várias perguntas. Inflamou-se com meu interesse. Então pedi-lhe examinasse à luz da Bíblia certas doutrinas defendidas pelo seu grupo. Resultado: O moço se desligou daquela denominação. Seria sobejamente recomendável que todos os crentes procedessem à luz da Palavra de Deus um exame da posição doutrinária do seu grupo denominacional. Caso as doutrinas sustentadas por ele se encontrem de acordo com a Bíblia, verificar se, na prática, a máquina denominacional vive essas mesmas doutrinas.

Garanto uma coisa: Os crentes que fizerem esse teste ficarão surpresos!

A Palavra de Deus é útil para nos ensinar a fé. E, fiéis discípulos do Senhor, gozaremos da inefável liberdade dos filhos de Deus!

2 - A BÍBLIA É ÚTIL PARA A REPREENSÃO

O pecado debilita espiritualmente o crente. Torna-se joguete das paixões.

Afasta dele tantas e tantas bênçãos! Sobretudo a inefável bênção da alegria da salvação, como aconteceu com Davi. E, sem esse gozo, envolvido

pelas artimanhas do mundo, corre o perigo de ir procurar alhures um arremedo de felicidade, vãmente abeberando-se de cisternas rotas.

Quanto crente improdutivo por aí a tentar uma conciliação impossível com as normas do mundo, cujo príncipe é Satanás! E não faltam aqueles que tentam coonestar perante as admoestações, alegando a necessidade de se aproximarem do mundo para evangelizar seus amigos e adotarem, como tática, as suas próprias normas de conduta.

Minimizam a fé na pretensão de torná-la aceitável e, por isso, se eximem de, nas suas preleções, apresentar os desastrosos efeitos do pecado, cujo nome evitam de pronunciar.

Conheço pregadores que se embuçam numa oratória pomposa de imagens literárias e, propositadamente, não advertem o pecador dos perigos de sua situação. E alegam que já se foi o tempo de se falar em pecados, Satanás e inferno. E porquê? Porque são coniventes com as normas do maligno. Procedem como os insensatos que, em suas palavras, negam o inferno e, intimamente, estão convencidos de que para lá caminham.

Chegam esses pusilânimes inclusive a se assentarem na roda dos escarnecedores, participando de certas sociedades absolutamente comprometidas com a iniquidade.

Têm-se promovido fabulosas e caríssimas campanhas de evangelização. Elaboram-se-lhes programas gigantescos. Utilizam-se todos os recursos mecânicos da técnica moderna. Promovem-se as mais espetaculares concentrações.

E o insucesso é tão grande...

Porquê?

Por que os resultados não correspondem ao investimento de ingentes esforços?

A explicação é simples. Entra pelos olhos.

Antes de mais nada, é inadiável proceder-se uma verdadeira profilaxia, um saneamento em muitas de nossas igrejas. A igreja não vale pelo número de nomes arrolados, mas pela qualidade dos seus membros. Há uma verdadeira rolatria porque o cidadão faz questão absoluta de que o seu nome esteja no rol de membros de uma igreja, embora sua vida afronte o Evangelho e seja a vergonha do Nome santo de Jesus Cristo.

Desgraçadamente, quantas igrejas tomam como critério de avaliação dos membros o simples comparecimento intermitente deles nos domingos à noite! Comparecem nessas ocasiões, mesmo que fiquem de braços cruzados, refestelados no assento, dão alguma contribuição, elogiam o pastor e, mesmo norteando a sua vida com princípios iníquos, podem continuar tranqüilamente como sócios do clube eclesiástico.

Chegamos nesta fase da História onde há uma encruzilhada. Vivemos a hora das definições. Ou se é crente de verdade, disposto a seguir, carregando a sua cruz, o Mestre, ou o melhor é se definir de vez pelo

mundo. O mesmo Deus que dirige os destinos dos povos e da História, na Sua adorável providência, levou a humanidade a esta hora cheia de tantas tragédias e conturbada por tanta contestação. Tudo se encaminha para nos levar a uma definitiva e decisiva definição.

É imprescindível levar os crentes a um sincero exame de consciência e movê-los à libertação dos seus pecados. Pecados conscientes e maldosamente cometidos. Pecados amados!

Que desgraça! Um crente a incorrer deliberadamente no pecado... Fazer desse pecado a norma constante de sua vida.

Quantos pecados! E acobertados com infundáveis e retumbantes explicações... Mentiras. Preguiça. Furtos. Conversas inúteis. Sonegação de impostos. Desrespeito às autoridades. Adultérios. Delongas em saldar contas. Raivas. Ressentimentos. Chocarrices. Avareza. Usura. Invejas. Maledicência. Rebeldias. Irreverência nos cultos. Frivolidades. Descaso pelo estudo da lição da Escola Dominical. Ausência deliberada nas reuniões de oração. Linguagem obscena. Amarguras. Luxo. Apreensões. Comodismo. Glutonarias. Vaidades. Gritarias. Lascívia. Blasfêmia. Soberba.

Quantos!!! Quantos!!!

Para conservar agrilhoados os perdidos no seu tétrico poder, o diabo se empenha em insensibilizar-lhes a consciência. E inventa na sua astúcia todos os métodos, os mais surpreendentes e requintados. Inclusive as religiões, encarregadas de promover cultos falsos, deixam os seus fiéis contentes consigo mesmos. É do máximo interesse do diabo que se considerem boas todas as religiões.

A cilada mais astuta, porém, está armada na doutrina da diferença entre pecado grave e pecado leve. Porque nunca matou, nem furtou dentro das casas alheias ou bateu carteira dos outros e nem “fez mal” para moça virgem, o cidadão acha que não é grande pecador. Pecado grave mesmo, segundo o conceito do mundo narcotizado pelas religiões idólatras, é matar, roubar e desonrar moça virgem. O resto é pecado venial, pecadinhos sem importância.

Interessa, outrossim, e muito ao príncipe das trevas que os crentes sejam infecundos na vida espiritual. Por isso, aplica a mesma tática de insensibilizá-los quanto à gravidade dos pecados. E muitos, no seu comportamento, se louvam nessa doutrina infernal. Levam seu corpo aos cultos, enquanto seu coração borboleteia nos miasmas das frivolidades. Seus lábios entoam melodias, enquanto sua atenção não se nutre da mensagem do hino cantado. Seus ouvidos estão abertos, mas sua mente alheia à palavra do pregador. Não arrombam portas para furtar, mas descuidam de saldar suas contas no prazo estipulado. Não vão aos prostíbulos por medo de doenças venéreas, mas aninham nos seus desejos tantas normas eróticas. Não matam com revólveres e punhais, mas difamam e retalham a honra alheia.

Bajulam os grandes do mundo, mas desprezam os pobres e ridicularizam quem lhes é antipático. Cantam no coro e participam de

números especiais porque buscam sua auto-promoção. Elogiam para serem elogiados.

Hipócritas, carregam várias máscaras, usando-as conforme as circunstâncias: dentro do templo, serve-lhes a máscara da piedade; em casa, a da brutalidade; na rua, a dos olhos ávidos de sensualidade. Não matam, não assaltam e não violentam as virgens... Mas odeiam, blasfemam, humilham, difamam, acomodam-se às normas do mundo, são indolentes na prática da oração, abrigam ressentimentos, esfolam seus devedores com juros agiotes, escondem-se nas persianas de mil desculpas quando solicitados a cooperar... E a consciência anestesiada... Não lhe afetam esses e outros pecados por considerá-los de somenos importância.

Como missionário, visito, em campanhas de evangelização, muitas igrejas. Em muitas delas sente-se a glória e o poder de Deus. Em outras, que tristeza!

Sei, meu amado irmão, que estas advertências desagradam. Poderão acarretar-me antipatias.

Rebelei-me, quando da minha conversão, contra a faustosa e idolátrica hierarquia clerical. E Deus não me dará coragem para vergastar o mal que mina as igrejas mundanizadas, que, se coerentes e sinceras com o mal, deveriam afixar no frontispício dos seus salões este título: Clube Social Fulano de Tal?

Você que me lê, amado irmão, reconhece que existe uma campanha montada por Satanás contra a Bíblia?

E isto em muitas áreas evangélicas?

Muitos crentes não leem a Bíblia porque ela os acusa.

Sobradas razões tinha Moody quando dizia: “A Bíblia me afastará do pecado ou o pecado me afastará da Bíblia”.

Se o crente, ao ler a Palavra de Deus, for por ela repreendido por causa de seus pecados, deverá louvar a Deus e, valendo-se do sangue de Jesus, implorar-lhe perdão. Mas quantos assim não procedem... Preferem o domínio do pecado em suas vidas e recusam a inefável libertação que Jesus oferece...

A leitura atenciosa da Bíblia fornece ao crente um ótimo roteiro para o exame de sua vida, do seu coração, de suas intenções e desejos.

Poder-se-á constatar em suas páginas o nome de todas as manifestações do pecado. E de todas as nuances dessas manifestações. Por exemplo, verificar-se-á como o pecado da sensualidade tem uma infinidade de formas. Somente Gálatas 5.19 nos revela três: prostituição, impureza e lascívia.

O amado irmão poderá ir anotando em papel à parte todos os nomes de manifestações de pecados que for encontrando na leitura cuidadosa da Bíblia. Tendo diante dos olhos esta lista trágica, confronte a sua vida, o seu comportamento, o seu íntimo. O irmão, aterrado, irá conhecer-se melhor.

Temos a tendência de sempre aplicar aos outros as admoestações. A carapuça sempre serve para os outros. É o nosso orgulho que se rebela contra a possibilidade de nós nos conhecermos.

Existem por aí enxurradas de livros e compêndios de estudos sobre todos os assuntos. A ciência quer expandir-se e precisa desses veículos de divulgação. Os livros científicos têm grande valor. Não sobra dúvida alguma. Mas quer você saber qual é o maior livro científico? É a Bíblia! E sabe porquê? Porque ela nos leva ao conhecimento próprio. O conhecer-se a si mesmo é a maior e a mais importante das ciências.

Conheça os seus pecados, irmão, para você ir limpar-se deles no sangue de Jesus Cristo. É para isso também que a Bíblia lhe é sumamente útil. Ela é o Livro de Deus que o repreende, revelando-lhe a multidão das suas iniquidades.

3 - A BÍBLIA É ÚTIL PARA A CORREÇÃO

Toda a nossa gratidão ao Senhor seria sempre insuficiente se a Bíblia nos servisse apenas para o conhecimento próprio, para você, irmão, saber-se quem é. Já, por essa razão, seria o melhor tratado de psicologia. O compêndio mais científico.

O Livro Santo, porém, tem outra grande utilidade em nossa vida espiritual. É uma utilidade positiva na aplicação de corretivos eficacíssimos. Ela é útil para a nossa correção. Correção no significado de reorientação da nossa vida. Porque ela tem o condão de nos manter na direção de Deus.

É útil para a nossa correção! Primeiro, porque nos leva à fonte do perdão, ao sangue de Jesus Cristo. E, segundo, como instrumento de santificação, porque nos previne contra os perigos espirituais e nos sustenta em direção a Deus no crescimento de Sua graça. É uma bússola a nos orientar na rota certa.

O próprio Jesus testifica em João 15.3: *“Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado”*.

A Bíblia, como instrumento do Espírito Santo, é utilizada por Ele para nos revelar o pecado e dele nos convencer. E, quebrantados assim, por ela somos levados a Jesus Cristo, cujo sangue tem poder – e poder infinito – para nos purificar de todo o pecado.

Em Efésios 5.25-27, Paulo Apóstolo fala sobre este ministério da Bíblia: *“Cristo amou a Igreja e a Si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela Palavra,*

para a apresentar a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito”.

Sabemos que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (Romanos 5.8), como nosso substituto ao assumir diante do Pai a responsabilidade dos nossos pecados. Mas Ele morreu também pela Sua Igreja, para santificá-la. Ele morreu pelos pecadores perdidos a fim de lhes merecer a salvação. E morreu pelos pecadores salvos em resultante dos méritos do Seu sacrifício, para merecer-lhes a santificação, a libertação do domínio do pecado.

Igreja é a congregação dos salvos! E o Salvador, como sua Divina Cabeça, a quer *“gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito”*. Ele a quer digna dEle. Ora, para isso é que a purifica *“por meio da lavagem de água pela Palavra”*. Esta Palavra é simbolizada na água, que tem o poder de lavar e purificar.

O Salmo 119 é um poema de exaltação à Palavra de Deus. Leia-o pausadamente e em voz alta. Você ficará empolgado.

Pois bem, no verso 9, ele faz esta pergunta reveladora da ansiedade do crente em se manter liberto da escravidão do pecado: *“De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a Tua Palavra”*.

O caminho do nosso viver será puro da sujeira do pecado quando o palmilharmos à luz da Palavra de Deus. Foi com muita convicção da possibilidade desta experiência que o salmista, no verso 11, proclama: *“Guardo no coração as Tuas palavras, para não pecar contra Ti”*.

Se o irmão abeberar-se desta Palavra, com freqüência diuturna, sentirá a sua alma restaurada (Salmo 19.7). Reconfortada!

Uma alma alimentada com este pábulo divino será sempre vigorosa para se manter na direção do crescimento na graça e da perfeição requerida por Cristo.

Por que há tantos crentes vítimas de anemia espiritual profunda? Cambaleantes, tropeçam e caem a cada passo! Estonteados de inanição espiritual, deixam-se arrastar, quais mariposas, pelos atrativos enganadores do mundo! Por que eles não têm forças?

Simplemente porque não se apropriam deste alimento supersubstancial que é a Palavra de Deus.

Quando o povo israelita, após a epopéia dos quarenta anos de viagem, já se encontrava às portas da Terra Prometida, garante-lhe o Senhor auxílio especial para retirar dela os seus adversários e o exorta a se manter fiel aos Seus preceitos. Lembra-lhes as peripécias e agruras que teve de suportar para que entendesse *“que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor viverá o homem”* (Deuteronômio 8.3).

Para manter a sua vida física, o homem necessita do alimento material. Toma-o do seio da sua própria mãe ou dos ramos generosos.

Com esse alimento, ele se conserva, se sustenta, cresce e restaura suas energias, pela maravilha da assimilação.

Com esse alimento, ele mantém o seu corpo harmonioso, milagre da beleza anatômica.

Esse corpo, vindo de um ato gerador, só se sustenta pela comunhão com as coisas materiais.

O homem, porém, não é apenas corpo, por mais admirável e assombroso que este seja. Ele é também um ser imaterial pela alma.

E, como ser imaterial, ele se refaz, se sustenta, se conserva e cresce pela assimilação de três cousas imprescindíveis: a Verdade, o Belo e o Bem. Quanto mais se alimentar destes dons, mais ele amplia a sua inteligência na Verdade, desenvolve a potência da sua vontade no Bem e conquista a delicadeza de sua própria consciência no Belo.

Tudo isto, porém, não basta para o crente. A comunhão com coisas tão nobres não o sacia!

Mas, do Seu amor, Deus lhe provisiona em Sua Palavra o pão espiritual supernutritivo, capaz de mantê-lo revigorado para as pelejas contra o príncipe deste mundo.

Jesus, que é a própria Palavra Divina encarnada, realçou o valor da Palavra como alimento de nossas almas neste árduo e permanente combate. Tentado pelo diabo, esmaga-o em suas pretensões e dá-nos a preciosa lição: *“Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mateus 4.4).

Para a nutrição dos nossos corpos, os dietistas catalogam e selecionam os alimentos segundo as suas propriedades em vitaminas e sais minerais. A Palavra de Deus – toda ela – é o pão de alto valor nutritivo para as nossas almas.

Como se afana o irmão para conseguir o pão material! Quase todas as suas atividades, inclusive se você for dona de casa, se orientam para essa alimentação. A mesa é o grande objetivo do seu trabalho.

Agora lhe pergunto: E quanto tempo você emprega para se apropriar do pão espiritual?

Sua alimentação física depende do seu trabalho para consegui-la e para ingeri-la. A Bíblia é a permanente mesa posta na sua presença. Basta que você se sirva desse alimento. Sua alma, porém, definha de inanição...

Sabe qual é a maior desgraça de muitos crentes? É o descaso da Palavra Divina. Crentes insensatos e débeis, enredam-se na meada intrincada de suas próprias paixões, a cambalear a vida em fora... São uns infelizes a afivelar na cara a máscara do sorriso forçado, expressão da sua hipocrisia espiritual.

Ao tempo de padre, acompanhei uma senhora durante sua longa enfermidade. Cada manhã que a visitava para levar-lhe a hóstia em comunhão, perguntava-me se o seu rosto tinha cor. Olhava-se tanto no espelho e se aterrorizava com a sua palidez. E, numa fuga inútil do seu desespero, espalhava ruge nas faces líbidas. Ao me recordar desta senhora, vêem-me à mente esses crentes derrotados na sua inanição que apelam para uma piedade fingida.

A anemia física profunda pode ser irreversível. Incurável.

Não acontece o mesmo, porém, com a anemia espiritual. Embora profunda.

Se não há alimento revigorante capaz de superar o primeiro caso, a Palavra de Deus tem poder para debelar qualquer tipo de fraqueza espiritual. Diante do seu alto valor supernutritivo, não acontece a irreversibilidade.

Portanto, se o irmão estiver em estado de inanição, poderá reabilitar-se imediatamente.

Abra a sua Bíblia e sacie-se. Farte-se. Revigore-se. Restaure suas energias espirituais. E sua vida será vitoriosa. E você será um crente em direção ao crescimento na graça. Com passos de gigante, caminhará nas sendas da perfeição. O diabo não o vencerá!

O diabo, qual leão a rugir em nosso derredor, ameaça desviar-nos da nossa vocação.

Paulo que, ao concluir sua carreira, pôde, vitorioso, dizer: *“Combati o bom combate”* (2ª Timóteo 4.7), adverte-nos em Efésios 6.11-17, com autoridade de sua experiência: *“Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do Evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus”*.

Para a luta contra as potestades do mal, contra o príncipe das trevas deste século, contra as hostes infernais, Paulo recomenda aos crentes tomarem a armadura de Deus. *“Revesti-vos de toda a armadura de Deus”* (Efésios 6.11).

Que cinjam os seus lombos com a verdade... Que se vistam com a couraça da justiça... Calcem seus pés na preparação do Evangelho da paz... Armem-se com o escudo da fé para o rebate aos dardos inflamados do Maligno... Cubram-se com o capacete da salvação...

Verdade, justiça, paz, fé e salvação constituem-se em armas de defesa do crente.

Mas o crente não pode postar-se apenas na defesa. Precisa atacar. Aliás, a melhor defesa é o ataque.

A arma de ataque, porém, e a espada. A Espada da Palavra de Deus!

Deu-nos o exemplo Jesus de como se brande a Espada da Palavra de Deus na luta contra Satanás. Tentou-O o diabo. Jesus não se postou

somente na defesa. Com a Espada da Palavra de Deus em punho, agrediu, acuou e venceu o diabo (Lucas 4.1-13).

Essa espada deve ser conhecida para ser terçada com sucesso. Do contrário, na hora de agressão infernal, o crente nem poderá usá-la e será dominado e vencido pelo diabo.

No seu jornadaear, o irmão tem-se alimentado suficientemente com o pábulo divino da Palavra a fim de caminhar na conquista da perfeição, segundo o mandamento do Senhor? E sabe manejar a Espada do Espírito para obter vitória sobre vitória contra o diabo?

4 - A BÍBLIA É ÚTIL PARA A EDUCAÇÃO NA JUSTIÇA

Vida santa é vida norteadada pela educação na justiça.

O que é justiça? É o propósito que nos leva a dar a cada um o que é seu. O que lhe é devido. O que lhe cabe.

Em nome da justiça, o devedor paga o seu credor. O filho honra os pais. O patrão remunera seu empregado. Este, por sua vez, cumpre a sua tarefa. Os súditos respeitam as autoridades. É a justiça que nos move ao cumprimento dos nossos deveres e baliza os limites dos nossos direitos.

Direitos e deveres são correlatos. E o fiel da balança entre ambos é a justiça que não nos permite exorbitar em nossos direitos em detrimento dos direitos alheios e determinar nossos deveres diante dos direitos de outrem. Por justiça cabem-me deveres perante os direitos alheios.

O supremo direito de Deus é que eu O adore e O glorifique. Que a Ele me submeta incondicionalmente.

Então, por justiça, cabe-me adorá-IO, glorificá-IO, submeter-me à Sua soberana vontade. Encaminhar-me em Sua direção. Levar uma vida reta à luz dos Seus preceitos.

Este é o grande princípio da justiça que me coloca na disposição de cumprir meus deveres para com os soberanos direitos de Deus.

Qualquer falha no cumprimento desses deveres chama-se pecado.

Ainda mais, a minha disposição íntima de não me submeter a essa obrigação já é pecado. E, desgraçadamente, essa indisposição é a constância do nosso viver a tal ponto que o Apóstolo chegou à seguinte conclusão: *“O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”* (Romanos 8.7-8).

O pecador vive num estado permanente de injustiça. Portanto, de abominação.

Ora, sendo Deus a santidade infinita, exige uma reparação condigna à santidade infinita em nome mesmo da justiça. E quem poderia satisfazer condignamente esse dever de reparação, expiando o pecado?

Nessa conformidade é que Jesus Cristo se fez justiça por nós diante de Deus. O principal e primeiro efeito do sacrifício e da morte de Jesus Cristo, ao cumprir a Justiça, foi satisfazer condignamente a santidade infinita de Deus vilipendiada pelo pecado. E, expiando esse pecado, como nosso Vigário diante de Deus, exuberantemente, nos mereceu resgate, redenção, perdão, salvação. Numa palavra, Ele satisfez de maneira absoluta os reclamos da Justiça diante de Deus.

Justificado pelos méritos remissivos de Cristo, cuja aplicação ao pecador é pela instrumentalidade da fé deste, o salvo, outra vez em nome

da Justiça, precisa ter uma vida reta de acordo com a vontade de Deus. Isto é ser educado na justiça.

E, para isto, a Bíblia também é útil, conforme lembra Paulo a Timóteo.

Hebreus 4.12 nos demonstra as operações da Palavra de Deus na efetivação de sua utilidade prática no sentido de conduzir o crente em educação na justiça, isto é, em viver a vida de retidão segundo Deus. *“Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”*.

Esta mensagem sobre o poder da Palavra de Deus deveria ser gravada a fogo em nossa lembrança.

Amo a Bíblia toda. Alguns versículos, porém, sempre chamam de maneira especial a minha atenção. Mas este, ao lado de João 3.16, desperta no meu íntimo afetos especialíssimos por estar estreitamente vinculado ao longo processo de minha conversão.

Hebreus 4.12 é a perfeita explanação do que Paulo quer dizer ao seu caríssimo Timóteo e a nós outros quando lembra que a Escritura é útil *“para a educação na justiça”* (2ª Timóteo 3.16).

A Palavra de Deus é a Espada bigúmea capaz de cortar fundo a nossa alma. Espostear-lhe todos os desvãos para vazar a podridão do pecado que lá se acumula, qual tumor a segregar o pus da malícia em todas as nossas ações, desviando-as da retidão reclamada pela nossa condição de crentes. Ela trespassa, dilacera e retalha a nossa alma, expondo à nossa consciência, em toda a crueza, nossas mazelas. Aquelas mazelas já esquecidas e lançadas no porão da nossa subconsciência. Útil que é para nos repreender, patenteia o verdadeiro móvel de nossas ações. Vai ao âmago de nossa alma, perscrutando-a, sondando-a, esquadrinhando-a até às profundezas mais profundas.

Para significar a sua capacidade de penetrar aos mais secretos esconsos da nossa personalidade, Hebreus 4.12 diz que essa Espada bigúmea *“penetra até ao ponto de dividir alma e espírito”*.

Se fosse apenas luz, poderíamos antepor-lhe persianas. Como Espada mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, nada lhe resiste a impetuosidade e a força na intimidade mais íntima do crente.

É por isso que ela é *“apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”*.

O nosso coração é a fonte última dos nossos pensamentos, desígnios, desejos e intentos. Bons e maus. Nele se aninham todos esses sentimentos antes de se concretizarem em atos externos. E, pela Sua palavra, Deus vasculha o nosso coração – sonda-o! – porque se as nossas ações não se sintonizarem com nossas intenções, por mui santas que sejam na aparência, em verdade, são pecaminosas. É a hipocrisia!

Se as palavras do crente não forem a expressão dos seus sentimentos íntimos, por mais belas que sejam, constituem-se em hipocrisia.

Se as orações feitas em público pelo irmão não se afinarem com os seus sentimentos, constituem-se em hipocrisia.

Se as suas exortações ao próximo não condizerem com o seu procedimento, constituem-se em hipocrisia.

Se as suas ofertas na igreja forem a exteriorização do seu desejo de aparecer e não do seu amor ao Reino, constituem-se em hipocrisia.

Se nos seus solos, as palavras do hino cantado não externarem sentimentos e convicções genuínas de louvar a Deus, mas procura promoção de sua vaidade pessoal, sua atitude se constitui em hipocrisia.

Se os seus sorrisos servem para encobrir antipatias, despeitos, desejos de vingança, não passam de hipocrisia.

Meu irmão, pela Sua Palavra viva e eficaz, o Senhor escruta os seus mais secretos desígnios e sentimentos.

Conheço uma senhora sempre muito entusiasta em sua igreja. De temperamento febril ativo, distinguia-se sempre em todas as promoções. Ocupava vários cargos: professora da Escola Bíblica Dominical, secretária da igreja, corista, responsável pelo berçário... Em qualquer programa sempre tomava parte ativa. Informada de algum crente enfermo, estava ela à sua cabeceira. Toda a igreja via-a como uma bênção. O pastor não lhe regateava elogios. E, sempre grata, retribuía os encômios pastorais com alguma guloseima aos filhos do seu pastor, pretendendo credenciar-se, outrossim, a novos aplausos públicos. Inexcedível na distribuição de folhetos evangelísticos quando a sua igreja organizava campanhas desse gênero.

Tantas atividades aparentemente santas, mas que não exprimiam uma vida reta segundo Deus.

Em toda aquela azáfama, não havia a educação na justiça. Diante de Deus, tudo aquilo era pecado. Aquela nossa irmã não visava a glória de Deus. Procurava, sim, a sua própria glória.

Visitou-a certo dia o Senhor com uma enfermidade. Retida na solidão do seu quarto, foi ler a Bíblia com mais calma e em maior concentração espiritual. Passou a meditar nas passagens lidas. Passou a confrontar as suas atividades com a sua consciência. E o Espírito de Deus usou a Espada bigúmea naquela alma. Destrinchou-a totalmente. Varou-a fundo. A mulher viu que abismo de vaidade era a sua pobre alma. Viu a imensidão da sua hipocrisia. Reconheceu que a mola de todas as suas atividades era o seu orgulho. A glória de Deus estava ausente dos seus objetivos centrados exclusivamente na sua promoção pessoal.

A Palavra de Deus, qual Espada bigúmea, pôs-lhe à luz da consciência toda a podridão espiritual produzida por sua hipocrisia. Contrita, quebrantada, atirou-se nos braços misericordiosos de Jesus Cristo, cujo sangue lavou-lhe a alma até aos mais profundos meandros.

Ah, irmão! Como esse sangue tem poder de purificar totalmente uma alma devassada, aberta de par em par pela Divina Espada!

Aquela crente continuou com as suas atividades. Sim, continuou. Mas agora com a sua vida realmente voltada e votada para Deus em

educação na justiça. A glória do Senhor passou a se constituir em exclusiva mola mestra de todas as suas ações. Desinteressou-se de se promover. Quando aplaudida, em seu coração, endereça tudo a Deus.

Na vida do irmão, qual é o motivo propulsor de suas preocupações? De suas atividades na igreja? Das suas contribuições? Para a igreja ter a sua cooperação, há necessidade de incentivos outros que não a glória do Senhor?

As naves espaciais dão tantas voltas ao redor da terra, consomem tantas energias, prendem tantas atenções nas suas viagens interplanetárias. Na vertigem de sua velocidade e das suas circunvoluções há, porém, o supremo objetivo de atingir um determinado planeta. É a única e exclusiva finalidade de tudo. Tudo está dirigido para esta meta.

Sua vida cercada de tantos incidentes, de tantas tarefas, de tantas preocupações, de tantas correrias, de tantos sonhos esfacelados contra a realidade brutal do terra-a-terra, a sua vida, meu irmão, é uma vida reta segundo Deus? Ela está em direção ao Senhor? Tudo o que lhe acontece é posto no altar da glória divina? Suas atividades espirituais visam promover exclusivamente a glória de Deus?

Sabe o irmão que, ao salvá-lo, Deus foi movido por amor, é verdade; e que, contudo, o Seu amor infinito por você é decorrência da Sua própria glória? Ele o salvou para a Sua glória!

O prisioneiro de Patmos, na visão maravilhosa do céu, distinguiu a *“grande multidão que ninguém podia enumerar”* (Apocalipse 7.9), cujas vozes se uniam ao clamor triunfante de todos os anjos, dizendo: *“Amém. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém”* (Apocalipse 7.12).

A glorificação do Senhor será a eterna tarefa dos salvos no céu. O céu é a glória de Deus! O nosso céu será a eterna glorificação do nosso Deus!

O crente está seguro de sua salvação eterna em Jesus Cristo. Tem essa certeza inconcussa firmada no sangue de Jesus e selada pelo Espírito Santo de sua ida imediata ao céu.

Só a lembrança dessa certeza já nos envolve de esfuziante alegria... Já é o céu começado nesta terra.

Se o amado irmão anda no gozo dessa alegria já deve ter um céu na sua alma, onde a sua máxima e única preocupação é a glória do Senhor.

Esta é a vida de educação na justiça. Esta é a vida reta segundo Deus.

E a Bíblia é útil ao crente porque lhe revela qualquer desvio acontecido no íntimo de sua alma, porque é a Espada do Espírito a lhe possibilitar vitórias sobre vitórias contra Satanás, porque o alimenta e revigora abundantemente, porque o treina a viver nesta terra com verdade e sinceridade na presença de Deus, porque o leva a prelibar as delícias do céu, a eterna glória do Senhor.

.oOo.

E AGORA?

A Bíblia é a única fonte da Revelação Divina, onde encontramos informes preciosos sobre Deus, sobre os Seus atributos, sobre os preceitos de Sua soberana vontade, sobre o Seu plano salvífico em prol do homem prevaricador.

Não é, porém, um livro frio. Não é letra morta!

É o instrumento do Espírito de Deus para a regeneração do perdido. Instrumento dotado de poder para torná-lo *“sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”* (2ª Timóteo 3.15).

É viva e eficaz!

É o instrumento do Espírito Santo de Deus para a santificação do salvo. Por isso ela é *“útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça...”* (2ª Timóteo 3.16).

Útil para o ensino porque, como compêndio de Deus, ao crente ensina a fé, a fim de que ele *“seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (2ª Timóteo 3.17). *“O justo viverá pela fé”* (Romanos 1.17; Gálatas 3.11; Hebreus 10.38). A fé é o elemento sumamente imprescindível em nosso viver... Imprescindível para o espírito, como a água para o corpo e o ar para os pulmões...

Útil para a repreensão porque, como luz emanada da Santidade Divina, repreende o crente nos seus pecados, revelando-os a fim de que ele *“seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”*.

Útil para a correção porque como nosso guia em direção ao sangue de Jesus, a fonte de purificação de todos os nossos pecados, deixa o crente em posição correta de pureza diante da Santidade de Deus, a fim de que ele *“seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”*.

Útil para educação na justiça porque, como alimento supersubstancial provisionado pelo próprio Deus, revigora as forças e retempera as energias espirituais do crente e, como Espada do Espírito, capacita-o a conseguir vitórias, colocando-o sob a égide exclusiva da glória de Deus, a fim de que ele *“seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”*.

Cabe-nos dar muitas e sempre continuadas graças ao Senhor por haver oferecido aos Seus filhos, como provisão superabundante, a Bíblia, o manancial inexaurível de bênçãos sobre bênçãos...

De minha parte, o que mais fazer senão prosseguir no propósito que Ele colocou no meu coração de ir, Bíblia em punho, de cidade em cidade, de vila em vila, de recanto em recanto, proclamando a todos os pecadores que só Cristo salva?

A Bíblia, em sua condição excepcional de único Livro de Deus, nos oferece a possibilidade de incontáveis bênçãos.

Não basta, porém, vê-la à distância... Não basta conservá-la fechada diante dos nossos olhos... Seríamos peregrinos sedentos junto à água cristalina sem dela nos abeberarmos... Seríamos como o faminto diante do pão sem dele se nutrir... Seríamos como o proprietário de um vultoso cheque a passar graves privações em negra miséria sem poder se apropriar do seu valor descontando-o no banco... Seríamos como o enfermo na iminência do desenlace fatal e sem se utilizar do medicamento mirífico posto à sua cabeceira...

Estava para dizer que o crente que não se apropria intensamente da Palavra de Deus em sua vida se comporta como insensato...

Insuficiente é o conhecimento de tudo isso que acabamos de dizer sobre a Bíblia, se ela não se torna nossa. Se ela não fizer parte íntima, integrante, de nossa personalidade. Se as suas mensagens de santificação não forem por nós aceitas e vividas.

Há tantas campanhas a conclamar os pecadores a que leiam a Bíblia. O dístico **LEIA A BÍBLIA** tem sido objeto das atividades de muitas igrejas. E os crentes, os mesmos que convidam e incitam os perdidos a lerem a Bíblia, porventura a lêem?

Você a lê? Lê mesmo? Convenientemente? Sob a moção do Espírito Santo? Com anseio de buscar nela orientação para a sua vida? Com desejo ardente e sincero de fazer em sua vida a soberana vontade do Senhor?

Ou você a lê formalisticamente? Ou a lê apenas com os lábios, enquanto seu coração divaga pelas regiões das futilidades?

LEIA A BÍBLIA!, proclama você em coro com a sua igreja. E quantas vezes você a deixa em casa, quando deveria levá-la às reuniões de oração e aos cultos... Não posso compreender um crente sem a Bíblia nas reuniões da igreja... E pensar que há aqueles que nem a levam à Escola Bíblica Dominical... Isto é o cúmulo do pouco caso à Palavra de Deus... Já se imaginou um estudante indo à aula sem o compêndio das matérias a serem estudadas? O que lhe fará o professor?

O diabo montou grandes organizações para combater a Palavra de Deus. Antigamente, ele insuflava o ódio contra ela e a queimava nas fogueiras inquisitoriais.

Hoje, vitorioso, ele faz pior. Persegue-a com mais virulência... A sua campanha contra a Palavra de Deus tem o objetivo de mover o pecador a escarnecer dela ou a considerá-la tão comum como qualquer outro livro.

E a maior de todas as desgraças é que o diabo tem conseguido que os crentes menosprezem a Palavra de Deus... Neste caso, o irmão tem dado a vitória ao diabo?

Qual é o significado da Bíblia em sua vida? Ela influencia suas atitudes? Ela o alimenta? Ela é a sua Espada? É palavra viva e eficaz?

Ou é livro fechado dentro de uma bela encadernação? Ou é livro fechado para enfeitar uma estante ou uma mesa? Ou é livro em cima do

rádio de cabeceira? Ou é livro fechado, guarda-notas de dinheiro e bilhetinhos profanos e até licenciosos?

Ou você faz como aquele que respeitava tanto o volume de sua Bíblia e, por isso, não o manuseava porque lhe custara caro e, muito bonito, não queria estragá-lo?

Você proclama: **LEIA A BÍBLIA!** E você a lê?

No Dia da Bíblia você contribui para que outros, os incrédulos, possam lê-la. E você a lê?

O crente não pode ser colhido nas malhas astutas de Satanás.

Por isso precisa apropriar-se das mensagens que a Palavra de Deus lhe oferece. Precisa aplicar a si, à sua vida, as exortações dela. Precisa, informado, esclarecido, orientado por ela, submeter-se ao Espírito Santo para crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Como lhe poderá ser útil a Palavra se, durante o tempo de sua leitura nos cultos, o crente não presta a devida atenção para aceitar aquela mensagem como vinda de Deus para o seu coração?

Como lhe poderá ser útil a Palavra se, mesmo lendo-a, a sua imaginação fica divagando e borboleteando de pensamento em pensamento, a tal ponto que, ao concluir a leitura, não sabe o que leu?

Como lhe poderá ser útil a Palavra se procurar torcer o sentido dos versos lidos para coonestar a sua consciência diante dos pecados que pratica e das normas mundanas que aceita?

O irmão acha que, pelo fato de possuir um volume da Bíblia, está imune de sua responsabilidade pessoal diante de Deus, decorrente de Lhe haver frustrado em sua vida incorreta os Seus propósitos atinentes à sua santificação?

Bíblia fechada ou mal lida vale tanto quanto a luz debaixo da mesa, espada embainhada, alimento fora do estômago faminto, água distante da língua ressequida, remédio inaplicado à ferida.

Ter a Bíblia e não lê-la convenientemente é insensatez. Tanto para o pecador perdido que, sobraçando-a, caminha para condenação, como para o crente que recomenda a outros a sua leitura, embora ele próprio se debilita de inanição espiritual...

A Palavra de Deus deve passar das linhas impressas do seu volume e ser posta no coração. No seu coração! Amado irmão, pensava o Senhor em você também quando, em Deuteronômio 6.6, recomendava ao Seu povo: *“Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração”*. E, incisivo, em Deuteronômio 11.18: *“Ponde, pois, estas Minhas palavras no vosso coração e na vossa alma...”*

O que Moisés, inspirado pelo Senhor, após haver pronunciado o cântico ao concluir a jornada do deserto, proclamou perante o povo, bem serve para nossa advertência: *“Aplicai o coração a todas as palavras que, hoje, testifico entre vós, para que ordeneis a vossos filhos que cuidem de cumprir todas as palavras desta lei. Porque esta palavra não é para vós outros cousa vã; antes, é a vossa vida; e, por esta mesma palavra,*

prolongareis os dias na terra à qual, passando o Jordão, ides para a possuir” (Deuteronômio 32.46-47).

A recomendação a Jó bem que se nos aplica: **“Põe as Suas palavras no teu coração”** (Jó 22.22).

Daniel (7.28), Davi (Salmo 119.11) e Maria, mãe de Jesus (Lucas 2.19) compreenderam perfeitamente a necessidade intransferível que cada um tem de abrigar no seu íntimo a Palavra de Deus. Enraizá-la nas profundezas de sua personalidade!

O grande Apóstolo, por entender esta necessidade, recomenda-nos em Colossenses 3.16: *“Habite, ricamente, em vós a Palavra de Cristo”*.

Proporciona-nos sérios motivos de meditação a parábola do Semeador (Lucas 8.4-15). Leia-a o irmão. A semente, que é a Palavra, não é lançada ao vento. Mas dá fruto aquela que caiu na boa terra, isto é, no coração bom e reto. No coração que retém a Palavra. No coração onde ela pode fincar raízes e firmar-se.

O fato de Jesus haver comparado a Sua Palavra à semente oferece-nos muitas e profundas lições. Uma delas – a mais prática – consiste no seguinte: A semente lançada na terra passa por um processo lento de germinação, outro processo lento de crescimento e outro processo lento de frutificação. Do lançar a semente ao colher os frutos, demanda-se tempo. A Palavra de Deus, recebida em nosso coração, é qual semente sujeita a esse desenvolvimento até frutificar. Mateus, em seu evangelho (13.23), como bom ex-coletor de impostos, acostumado aos cálculos de lucro, lembra que a produção pode ser a cem, a sessenta e a trinta por um. Evidentemente, de acordo com a fertilidade do solo que abrigou a semente.

Como poderá o crente recolher em seu coração a semente da Palavra de Deus?

De três maneiras!

PRIMEIRA: Lendo-a.

Somos hoje mui felizes por dispormos à vontade de volumes da Bíblia. Os nossos antepassados tinham-na em latim. E, antes da invenção da imprensa, as suas cópias eram raríssimas. Em conseqüência, os crentes as guardavam com imenso carinho e decoravam longos trechos.

Há irmãos que, anualmente, lêem a Bíblia toda. Outros são fiéis em ler aqueles versículos relacionados para cada dia da semana nas revistas da Escola Bíblica Dominical.

Desnecessário enaltecer esses exercícios. São excelentes e todo crente deve adotá-los.

“Buscai no Livro do Senhor e lede” (Isaias 34.16)!

Ao rei escolhido para governar o Seu povo estabelecido na Terra Prometida, Deus requer que tenha uma cópia do Livro Santo. *“E o terá consigo e nele lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer o*

Senhor, seu Deus, a fim de guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para os cumprir” (Deuteronômio 17.19).

A leitura é o lançar da semente no coração. Este disseminar deve ser diário. Com constância!

SEGUNDA: Frustrada será a semente se permanecer na superfície do solo. Mister se faz aprofundá-la.

Uma leitura ligeira e desatenciosa da Bíblia é praticamente insuficiente por não introduzir o recado divino em nosso coração.

É necessário examiná-la atenta e minuciosamente. É preciso pesquisar, investigar, esquadrihar versículo por versículo. Esse exercício aprofunda mais e mais a Palavra de Deus no solo do nosso coração.

Aos judeus procrastinadores Jesus mandava: *“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim”* (João 5.39).

Por que os bereanos foram mais nobres do que os judeus de Tessalônica? Porque *“receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as cousas eram, de fato, assim”* (Atos 17.11).

Esquadrihavam. Examinavam. Confrontavam. E todos os dias!

Ler a Bíblia deve ser exercício diuturno de cada crente.

Analisá-la a exemplo dos nobres bereanos significa aprofundar a Semente divina na intimidade das nossas almas.

TERCEIRA: Eis o coroamento da semente! Enraizar a Palavra em nosso coração. E, então, ela agirá na intimidade mais íntima de nosso ser, produzindo grande safra de frutos em nossa vida.

Ler é o semear inicial. Esquadrihar, ou examinar, ou confrontar ensinamentos é o aprofundar a semente. Enraizá-la, firma-a em nossa personalidade.

Enraize-se a Palavra de Deus em nossa alma pela meditação contínua.

O crente em cujo coração a Palavra de Deus cala fundo pela sua constante meditação é bem-aventurado, pois *“o seu prazer está na lei do Senhor, e na Sua lei medita de dia e de noite”* (Salmo 1.2).

Em sua vida espiritual há tanto vigor que se assemelha à *“árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido”* (Salmo 1.3).

No apogeu da epopéia israelita, quando o povo liberto da escravidão egípcia, Deus incumbiu Josué de herdar a Terra Prometida e lhe adverte: *“Não cesses de falar deste livro da lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido”* (Josué 1.8).

Que o amado irmão possa exclamar como o salmista: ***“Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas Tuas palavras”*** (Salmo 119.148).

Uma sugestão! Reserve o amado irmão, diariamente, algum tempo, meia hora, por exemplo, para ler e meditar na Palavra de Deus. Em oração, escolha um livro da Bíblia e vá lê-lo, meditando. Experimente e verá os grandes resultados em sua vida espiritual. Se o inimigo vier lhe criar embaraços para deixar de fazer este exercício, vença-o com oração. Em pouco tempo, o irmão irá se sentir muito diferente. Sentir-se-á crescendo na graça e no conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Terá muitas bênçãos do Senhor e se constituirá em uma grande bênção para os seus e para a sua igreja.

.oOo.

A LEITURA DA BÍBLIA E A VIDA DE ORAÇÃO

A contestação caracteriza a nossa época de vertigem. Discutem-se todos os valores e pseudo-valores. O que nos parecia impostergável é posto em xeque. E a marca mais evidente da atual situação religiosa está precisamente no caráter de instabilidade, de mobilidade, de insegurança e de inquietação. Estão se abalando os alicerces e ruindo as muralhas desse cristianismo de rotina...

Ou se cumprem agora os sinais da volta de Cristo, ou as igrejas sairão depuradas desta refrega formidanda.

Na tormenta, nem a necessidade de oração escapa a este questionamento. E estamos convictos de que nem a oração formal, liturgista, não resistirá à prova.

Se a técnica prevê solução para muitos problemas propostos ao homem pela natureza e nesta sociedade de consumo em que tudo se encontra ao alcance da mão e da carteira, por que valer-se de recursos extra-terrenos? Eis a pergunta insistente de algumas áreas teológicas modernas.

Inclusive teólogos argumentam que, pela oração, o crente, a encerrar-se numa torre de marfim e desligando-se assim de sua solidariedade com os homens, aliena-se de sua verdadeira natureza humana que deve engajar-se na sociedade da técnica.

Proclamam um evangelho social, um cristianismo sem oração, porque se querem integrados totalmente no mundo. Supõem eles que o

desenvolvimento da ciência e da técnica proporcionará ao homem segurança crescente, levando-o a considerar infantil a necessidade da oração.

Perguntam: O que se pode obter por meio da técnica por que pedir a Deus? Já que toda doença vai descobrindo aos poucos o seu remédio, para que orar pela cura dos doentes? Por que a oração de intercessão quando os nossos recursos podem resolver os nossos problemas? Consideram o Deus a quem se recorre em nossas limitações como um “Deus-tapa-buracos”.

Diante da técnica, minimizam a fé a fim de torná-la aceitável dentro desse contexto do mundo que de tudo questiona.

As próprias campanhas de “evangelização” encabeçadas por aqueles que não aceitam ostensivamente o evangelho social, cujas normas, porém, se inocularam em suas atitudes, deixaram de levar na devida conta a necessidade suprema de muita oração. Confiam mais nos meios mecânicos de comunicação e nos estardalhaços dos “slogans” à imitação das propagandas de remédios contra dor de cabeça.

Em sua euforia, contudo, esquecem-se ecumenisticamente de que nesta época de vertigem a técnica se encaminha, sobretudo, para nossa autodestruição. Por isso, o homem, no decorrer de sua História, jamais viveu como hoje, esmagado pelo medo e pela apreensão. O existencialismo é a filosofia do desespero. Os próprios ritmos de música que se sucedem rapidamente revelam a sua angústia e desassossego.

Mais do que nunca, nesta hora apocalíptica, a vida espiritual nutrida de oração nos oferece confiança e alento...

O crente que se mantém em clima de oração não se esclerosa numa inútil atitude reacionária, mas, integrado no mundo (João 17.11, 15), engaja-se na vanguarda do diálogo com os pecadores.

Todos os métodos de atualização religiosa, todas as pretensões de engajamento evangélico com o sistema do mundo, embora se intitulem pomposamente de evangelho social, tornar-se-ão improficuos. No máximo, guindarão os seus propagadores ao gozo da passageira simpatia em certas áreas populares a render-lhes as benesses de algum cargo de representação política.

Cristianismo sem oração é cristianismo sem Evangelho!

Cristianismo sem oração é cristianismo sem Jesus Cristo!

Poderemos esperar todos os absurdos. Menos este! Sem Jesus Cristo não há cristianismo. Minicristianismo não é Evangelho!

Já é hora – e se faz tarde! – de contestarmos esse cristianismo falso do mundo podre no pecado.

Todos contestam na época da contestação. Menos os crentes. Acomodam-se. Por covardia, ecumenisticamente, concordam com tudo. E muitos se saem com esta desfaçatez: É preciso agir assim para se poder falar do Evangelho. E apresentam um evangelho de água doce... Em resultado, não alvoroçamos o povo. Somos iguais a todo mundo. Não

chamamos mais a atenção. A propaganda das nossas campanhas se dilui na algazarra das propagandas do refrigerante, de cigarros e de lâminas de barbear...

.oOo.

Senhores do evangelho social, sois anacrônicos! Por fraqueza, capitulastes, embriagados pela euforia tresloucada dos insensatos. Descubrem-se medicamentos, mas a doença aí está, desafiando os médicos. Constroem-se hospitais, mas a morte continua de gadanho em punho a ceifar vidas. Prodigalizam-se programas para a promoção social dos desafortunados, mas a miséria cada vez mais negra campeia na sociedade. Encurtam-se as distâncias geográficas, mas os homens nunca estiveram tão separados pelo ódio. Os senhores se assentam a traçar planos de paz, e jamais houve tanto medo da guerra.

Senhores do evangelho social, esse evangelho não é Evangelho. Por isso, os senhores falam tanto e nada fazem. Falta-vos elã. Falta-vos espírito agressivo para agir. Acostumamo-nos já com o vosso palavrório bombástico e a trovoada seca de vossas arengas.

Cresça a técnica e surjam medicamentos, os mais miríficos, precisamos, porém, da oração. E oração intercessória. Sim, senhores, precisamos de oração intercessória porque continuamos nas mesmas limitações da nossa pobre natureza humana decaída e impotente. Precisamos do Deus misericordioso que nos valha em nossos buracos. Nos buracos das nossas limitações...

Pela oração, Jesus fez milagres. E os faz hoje, na era da técnica desumanizante.

Apresentara-se-Lhe, certa feita, um leproso. “*Se quiseres, podes purificar-me!*” (Marcos 1.40). E Jesus, profundamente compadecido, curou-o.

Suplicara-Lhe a sírio-fenícia expelisse de sua filha o demônio, e Ele atende a gentia confiante (Mateus 15.21-28).

De joelhos, clamou-Lhe Jairo em favor da filha morta e Ele a ressuscita: “*Menina, levanta-te*” (Lucas 8.40-56).

Tantos favores de ordem temporal concedidos por Jesus no atendimento de impetrações, registram os evangelhos...

A própria graça do perdão e da salvação Jesus concedeu para atender a oração reveladora de confiança nEle.

“*Senhor, dá-me dessa água para que eu não tenha mais sede*” (João 4.15), roga-Lhe a samaritana. Revela-se-lhe Jesus o Messias prometido e a faz confessar os pecados para perdoá-los.

No Calvário, um ladrão confiante brada-Lhe: “*Jesus, lembra-Te de mim quando vieres no Teu reino*” (Lucas 23.42). E Jesus concede-lhe perdão e o salva: “*Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso*” (Lucas 23.43).

A oração de súplica, com efeito, nos é recomendada pelo próprio Salvador: *“Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á”* (Mateus 7.7). Em João 16.23, quando os Seus discípulos se entristeciam com a precipitação dos fatos que culminariam com a morte do Mestre, Ele enfatiza: *“Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa ao Pai, Ele vo-la concederá em Meu Nome”*.

Convicto da necessidade da oração vocal de impetração, Paulo Apóstolo, em Efésios 6.18, recomenda-nos a estarmos firmes *“com toda oração e súplica, orando em todo o tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica”*.

Embora participantes da era da técnica, quando a máquina nos facilita muito, os medicamentos debelam enfermidades e as vacinas nos imunizam dos contágios, os analgésicos e a anestesia nos tornam insensíveis às dores, nós precisamos de Deus.

Nós precisamos de Deus porque a máquina domina e esmaga o homem que a construiu... Nós precisamos de Deus porque os próprios medicamentos que curam certas doenças causam outras... Nós precisamos de Deus porque não há vacina capaz de reprimir os estragos causados pela moléstia mais contagiosa que é o pecado... Nós precisamos de Deus porque, criaturas finitas e feridas espiritualmente, somos submersos no oceano das decepções diante da nossa impotência de nos superar a nós próprios... Nós precisamos de Deus porque na era da técnica o homem continua morrendo...

Nós precisamos de Deus! Daí o precisarmos clamar-Lhe por misericórdia e socorro. Daí o precisarmos da oração vocal de súplica, intercessão ou impetração.

.oOo.

A oração também para o homem desta era da técnica tem outro aspecto. E muito mais importante do que o aspecto da intercessão.

Embora a Bíblia, o Livro exuberante de perenidade e atualidade permanente, não nos incutisse a necessidade da intercessão, as infindas experiências das nossas misérias insuperáveis exigir-nos-iam... O outro aspecto da oração, além do de intercessão, é sumamente importante para a superação de nossa contingência de corações anelantes...

Trata-se da oração interior. Mental.

Ela é o meio mais eficaz para realizar neste mundo a nossa união com Deus. Este freqüente contacto íntimo da alma com Deus, pela oração interior, auxilia enormemente a sua transformação. Essa vida de oração íntima é transformante! Superante!

Os chamados “hippies” caracterizam bem a contestação do mundo estonteado na vertigem do seu “progresso”. Pois bem, os “hippies” proclamam a necessidade imprescindível de mergulharmos no oceano da

contemplação. Nos seus extravios e nas suas negações, vão buscar nas drogas a contemplação da grande viagem às profundezas.

Eles não sabem que o crente é o homem da contemplação, cujo olhar ultrapassa as aparências e imerge nos oceanos do amor divino.

A própria contestação do desesperado homem moderno proclama a imprescindibilidade da vida contemplativa, da vida interior ou da constante comunhão com Deus.

.oOo.

Por mais hercúlea que seja a sua luta para dominar a natureza e as suas forças, estas se agigantam sobre o homem.

O homem criou a máquina e se tornou escravo dela. O homem criou os psicotrópicos e se tornou escravo deles. O homem criou a bomba atômica e a bomba atômica é o seu terror... Tudo que o homem cria rebelase e se volta contra o seu criador. Para esmagá-lo!

O homem crente só se sobrelevará a si próprio quando se submeter à economia estabelecida por Deus.

Consoante Efésios 2.10, *“somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”*, Deus tem para cada servo Seu um programa de obras. Obras que não se rebelarão contra ele.

É um programa preparado em Sua infinita misericórdia que, se cumprido, nos propiciará um grande desenvolvimento da nossa personalidade e a superação de inúmeros problemas congênitos à nossa natureza. E um acervo imenso de gloriosos galardões! Pois bem, a vida de oração nos estimula e nos aviva no cumprimento deste programa, o roteiro do nosso crescimento na graça.

Avalia-se a intensidade da vivência da vida sobrenatural num crente pela sua união consciente com Deus por Jesus Cristo, na fé e no amor. Esta vivência produz aquelas boas obras. Mas, para que sejam elas produzidas com regularidade e intensidade, de acordo com o mesmo programa riquíssimo estabelecido por Deus, requer-se uma vida intensa de oração. Em última análise, pode-se supor o nosso crescimento na graça pelo nosso progresso na vida de oração.

.oOo.

Mas, afinal, o que é essa oração?

Poderíamos defini-la como a nossa comunicação consciente com Deus. É um colóquio do filho de Deus com seu Pai celeste para adorá-LO, louvá-LO... Para dizer-lhe o seu amor e conhecer a Sua soberana vontade.

Os homens anseiam por comunicação.

Comunicação é o atual talismã a cujas ordens estão os órgãos de informação nos seus três setores: imprensa, radiofonia e televisão. Criam-se as figuras mais ridículas, objetivando-se a comunicação.

Os homens querem se comunicar mutuamente. O professor muito sábio, mas que não se comunica com seus alunos, é marginalizado. O produto, por mais excelente que seja, mas que não tenha suas qualidades eficientemente comunicadas ao público consumidor, destinar-se-á às traças.

Desde sempre a Bíblia proclamou a necessidade de comunicação com Deus se a alma quiser ser aperfeiçoada e promovida na graça.

A vida de oração não é a oração esporádica, a oração intermitente, a oração de certas oportunidades e nas circunstâncias de aperturas. É vida! É uma constância. É uma comunicação de afetos com Deus. É comunhão permanente com Deus!

É uma intimidade amorosa do filho com o Pai e, em contrapartida, do Pai com o filho.

O pecador perdido não pode gozar desse privilégio, porque essa oração não é a comunicação de uma simples criatura com a Divindade.

Nessa comunhão apresenta-se diante de Deus o salvo, na qualidade de filho, pois é essa relação de Pai e filho que estabelece essencialmente a alma do crente na ordem sobrenatural. O pecador perdido não está engajado nessa relação. Vive somente na ordem natural. Em seu espírito não circula a seiva do sobrenatural. E, não havendo a relação sobrenatural de Pai e filho – porque só o crente participa dessa natureza divina (2ª Pedro 1.4) – impossível acontecer a vida de interioridade com Deus pela oração.

Jamais poderemos esquecer o crente de sua condição de criatura. Além de criatura, entretanto, ele é filho. Por isso o clima sobrenatural promovido pela nossa filiação divina é que nos deve envolver em nossas relações com o Pai.

Nessa conformidade, Paulo elucidava: *“O Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós, sobremaneira, com gemidos inexprimíveis”* (Romanos 8.26). Ora, conforme o mesmo Apóstolo, este Espírito que ora por nós e em nós é *“o Espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai”* (Romanos 8.15). Esse Espírito foi-nos dado quando *“vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho... a fim de que recebêssemos a adoção de filhos”* (Gálatas 4.4-5).

E, como conseqüência, é que a graça de Jesus Cristo nos faz Seus filhos, na conformidade com Gálatas 4.6: *“E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai!”*. Então, *“temos acesso ao Pai em um Espírito. Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular”* (Efésios 2.18-20).

O Espírito que o crente recebeu quando de sua conversão é que o faz clamar a Deus: *“Pai!”*

Sim! Pela sua filiação divina, o crente tem o privilégio e o dever de se apresentar diante de Deus como Seu filho.

Lição luminosa sobre o assunto em tela nos oferece Jesus. Sentado à beira do poço de Jacó, dialoga com a samaritana. Reconhecendo-Lhe qualificações de profeta, quer se esclarecer sobre o assunto da mais viva controvérsia entre os seus patrícios e os judeus: *“Nossos pais adoravam nesse monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”*. Como Lhe retrucou o Mestre? *“Mulher, podes crer-Me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores”* (João 4.20-23).

Observe-se como Jesus sublinha o nome de Pai.

Na Samaria adoravam-se ídolos e Jesus contesta aquele culto falso, ressaltando a necessidade de que os adoradores adorem *“em verdade”* a Deus, que é Espírito (João 4.23-24).

Em Jerusalém a adoração tinha como objeto não só os ídolos, mas o verdadeiro Deus. Essa adoração, contudo, era ritualista e formal. Por isso, Jesus rejeita esse culto deturpado, salientando a imprescindibilidade de que os adoradores adorem o Pai *“em espírito”*.

Ao verdadeiro Deus se adora em espírito! No espírito de uma adoção divina, sobrenatural, espiritual, que nos faz filhos de Deus. Em conseqüência, Jesus insiste no termo Pai. O verdadeiro Deus (não os ídolos samaritanos ou quaisquer outros) é Pai e os Seus verdadeiros adoradores, como filhos, adoram-nO como Pai.

O crente deve adorar a Deus na verdade e no espírito da ordem sobrenatural, na qual, como filhos, se relaciona com Deus.

Noutra circunstância, Jesus se torna mais explícito. Se, com a mulher samaritana, Ele estabeleceu um princípio, aos Seus discípulos oferece um luminoso exemplo e aponta a prática do princípio. Ao seu pedido: *“Senhor, ensina-nos a orar”*, que resposta dá Jesus? *“Quando orardes, dizei: Pai”* (Lucas 11.1-2).

Ninguém como Jesus sabe perfeitamente o que devemos dizer ou pedir a Deus. Ninguém como Ele sabe as condições para sermos *“os verdadeiros adoradores que Deus busca”*. Ninguém como Ele conhece a atitude com que devemos comparecer diante de Deus. *“O Filho unigênito de Deus, que está no seio do Pai, é Quem O revelou”* (João 1.18). A Filipe, que Lhe suplica: *“Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”*, retruca *“Quem Me vê a Mim, vê o Pai... Não credes que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim?... Crede-Me que estou no Pai, e o Pai em Mim”* (João 14.8-11).

Ao nos propor a oração modelo, começa logo a nos indicar o título que devemos dar a Deus. Este título que se constitui no diapasão que devemos dar ao colóquio com Ele: *“Pai nosso!”*

Ensina-nos Jesus que a disposição principal e medular em nossa vida de oração é a de um filho diante de seu Pai.

A oração do crente é a expressão da vida íntima de filho de Deus e o desabrochar espontâneo de sua confiança no Pai amado. Nessa vivência espiritual, o crente usufrui as mais intensas alegrias a prelibar as delícias celestiais... *“Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa”*, dizia Jesus (João 16.24).

O que é a oração mental? A oração íntima? Não a oração feita de palavras ou de balbuciar dos lábios.

É uma conversa afetuosa, toda íntima, entre o crente e Deus para manifestar o nosso amor Àquele que nos ama.

Esta conversação interior faz-se evidentemente sob a ação do Espírito Santo. *“Derramarei o Espírito de graça e de súplicas”*, prometeu o Senhor em Zacarias 12.10.

Trata-se de uma experiência gloriosa em que o crente nada tem a temer. Em suas limitações reconhece-se absolutamente incapaz até de manifestar os seus sentimentos e sustentar os seus enlevos. O Espírito de Deus, contudo, opera poderosamente. *“O Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis”* (Romanos 8.26).

O elemento essencial da oração é a comunicação sobrenatural com Deus, em que o crente, elevado pela fé, apoiado pelo amor em Jesus Cristo e ungido pelo Espírito Santo, se entrega incondicionalmente a Deus.

Como tem sido, irmão, a sua vida de oração? Você se limita a orar antes das refeições, ao se levantar de manhã, ao se recolher ao repouso? Somente? E a orar nos cultos? E durante todo o restante do dia o seu coração está mergulhado nas preocupações materiais? Quando não transformado em covil de ressentimentos, sentimentos indignos, desejos escusos?

O seu coração é um relicário de amor a Deus numa vida autêntica de oração afetuosa? Ou é um abrigo do diabo?

O estado normal do crente, embora lute com o trabalho, as contrariedades e o corre-corre do quotidiano, deve ser de colóquio afetuoso e contínuo com Deus.

Será isso uma quimera? Um sonho nesta vida cansativa de trabalhos em que nos temos de azafamar com o nosso ganha-pão?

Não! É uma experiência acessível a todo crente por desfrutar da qualidade de filho de Deus.

.oOo.

É uma experiência acessível a todos os crentes.

Esse acontecimento, porém, exige um clima espiritual propício. Um ambiente adequado.

Vida de pecado e vida de oração não se coadunam. O crente jamais poderá ter vida de comunhão com Deus se amar o pecado, manifeste-se sob qualquer forma e tenha lá o nome que tiver.

Essa experiência não acontece à alma cheia de humores putredinosos da iniquidade.

Iniquidade não é apenas matar, roubar, adulterar ou prostituir-se. A mentira, a preguiça, o desmazelo, a inveja, a ira, a maledicência, a avaréza, a irreverência, a impontualidade no culto, tudo isso é iniquidade.

O crente precisa intransferivelmente, sem se escudar em subterfúgios, proceder, sob a luz da Palavra de Deus, a Espada bigúmea do Espírito, uma devassa em sua alma, até aos mais escondidos meandros. Precisa fazer uma intuspecção sob as normas divinas. Isto só pode se dar meditando intensamente na Bíblia com o propósito de confrontar a sua vida, os seus atos, a sua consciência, enfim, com todos os santos preceitos do Senhor a ver como andam as suas contas com Ele.

Por exemplo, ao ler “*glutonarias*” (Gálatas 5.21), procure-se verificar se tem cometido esse tipo de pecado. Mesmo o crente que se considera imune de muitos pecados, ao proceder essa sondagem, ficará aterrado ao constatar a profundeza de sua miséria.

E a razão porque grande parte dos irmãos na fé não se decide por uma vida espiritual profunda reside na falta de coragem de se introspeccionar.

Sabemos que o Espírito Santo nos auxilia poderosamente nas nossas relações com o Pai, mas a Sua ação só se produz mediante certas condições. Se eu O entristeço, Ele não age. Se não me disponho a reconhecer sinceramente meus pecados depois de uma devassa rigorosa, minha vida será sempre um terrível e árido deserto e o Espírito Santo não me elevará às culminâncias gloriosas da vida abundante.

Acã foi um embaraço para Israel em Ai porque, pecando, contrariara o preceito do Senhor. Não adianta esforçar-me se não quiser permitir que o sangue de Jesus remova o pecado da minha vida.

Muitos pregam aos outros que “*o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado*” (1ª João 1.7) mas não querem aplicá-lo a si. Porque, para aplicá-lo a si com amplos e totais resultados, é medular espostejar a alma e desvendar, à luz da Palavra de Deus, todas as mais secretas mazelas.

A Bíblia leva-nos ao conhecimento próprio e nos exproba o pecado. Como instrumento do Espírito, ela nos sonda, nos esquadrinha e nos revela nossas misérias, nossos maus desígnios, nossos sentimentos escusos porque ela “*é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração*” (Hebreus 4.12).

E, nesta circunstância de quebrantamento, o Deus que resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (Tiago 4.6), se torna propício do crente.

Ninguém poderá, pois, almejar a vida de comunhão com Deus sem que sua atitude se revista de humilde compunção interior porque a sua natureza adâmica sempre reclama os seus “direitos”. O crente sabe por experiência própria que o diabo, qual leão a rugir enfurecido, anda em derredor (1ª Pedro 5.8) e qualquer distração o levará a resvalar para o pecado.

A par desta compunção interior, o crente espiritual desapega-se das criaturas, porque não se pode ter comunhão íntima e contínua com o Pai celeste se qualquer criatura lhe ocupa a imaginação, o espírito e, sobretudo, o coração. Embora seja seu pai, sua mãe ou seus filhos, o crente que quiser cultivar a vida de oração, gozando dessa comunicação afetuosa com Deus, precisa renunciar. Desapegar-se!

Há crentes que até mesmo durante o culto demonstram o seu apego doentio ao filhinho. Nem sequer prestam a devida atenção à mensagem porque ocupados estão em mimar o nenê.

O crente que medita na Bíblia encontra em Jesus o exemplo maravilhoso desse desapego. Quando, certa feita, alguém da multidão lhe disse: *“Tua mãe e Teus irmãos estão lá fora e querem falar-Te”*, Jesus respondeu: *“Quem é Minha mãe e quem são Meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis Minha mãe e Meus irmãos”* (Mateus 12.47-49).

Doutra feita, uma mulher da multidão exclamou: *“Bem-aventurada aquela que Te concebeu e os seios que Te amamentaram! Ele, porém, respondeu: Antes, bem-aventurados são os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam”* (Lucas 11.27-28).

E às grandes multidões que O seguiam, bradava: *“Se alguém vem a Mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo”* (Lucas 14.26).

Menino ainda, deixara-se ficar no templo. Encontrado, Sua mãe, conturbada, admoesta-O: *“Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à Tua procura”*. Jesus categórico: *“Por que Me procuráveis? Não sabíeis que Me cumpria estar na casa de Meu Pai?”* (Lucas 2.48-49).

Muitos crentes têm a sua vida espiritual estiolada e suas orações não ultrapassam os limites das petições, porque o seu coração está doentamente acorrentado pelos laços de afeto às criaturas.

E também às cousas!

Assim como Jesus exige desapego das criaturas, exige o mesmo das coisas deste mundo. *“Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6.33). Se, para a salvação, as riquezas se constituem em grave empecilho, também o

são para o crescimento na graça. E a advertência: “*É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus*” (Lucas 18.25) bem pode aplicar-se em nosso caso. O coração agitado pelos cuidados dos bens materiais nunca poderá ter possibilidade de se lançar às profundezas da vida íntima com Deus.

Além da compunção interior e do desapego às criaturas, há outra condição exigida para nos dispor a essa vida gloriosa. É o recolhimento. Um coração leviano, frívolo, sempre distraído, borboleteante, que não faz esforços sérios para reprimir os desvios da imaginação vagabunda, como poderá experimentar as bênçãos inefáveis desse teor de vida?

O próprio Jesus se retirava do burburinho das multidões para estar a sós com o Pai.

É muito certo o refrão: O barulho faz pouco bem e o bem faz pouco barulho.

Em nosso caso, porém, o barulho, qualquer barulho, é sempre prejudicial. Quem deseja uma vida espiritual em profundidade precisa de solidão interior.

Impossível o silêncio interior àquele que se apegua à televisão, às leituras fúteis e às tantas distrações oferecidas pelo mundo, cujo príncipe é o diabo, sumamente interessado em nossa permanência na anemia espiritual.

Quantos crentes são enganados em nome da higiene mental! Por ardil do maligno, esquecem-se que os doces enlevos da alma em oração oferecem os mais esplêndidos momentos de descanso espiritual.

“*Não entristeçais o Espírito*” é a recomendação do Apóstolo em Efésios 4.30, pois é o Espírito que ora em nós e por nós (Romanos 8.26). A Sua ação é extremamente delicada e não podemos pôr-Lhe qualquer obstáculo, por mais insignificante que nos pareça, sob pena de Ele acabar por se calar. Por isso, a necessidade de, abandonando-nos a Ele, remover todos os impedimentos à Sua liberdade de ação.

A outra condição consiste em nos pormos em inteira submissão e disponibilidade diante do Pai, com o propósito de nada Lhe recusarmos.

A disponibilidade de Jesus – “*faço sempre o que Lhe agrada*” (João 8.29) – deve ser a nossa disponibilidade.

Esta docilidade, esta submissão incondicional constituía-se na norma espiritual de Paulo. De certa feita, decidira pregar a Palavra na Ásia, e foi impedido. Por quem? Pelo Espírito? Empenhou-se em ir à Bitínia. E outra vez foi impedido pelo mesmo Espírito.

Mas pregar a Palavra não é dar cumprimento à grande comissão? Como, então, poderia ser Paulo impedido pelo próprio Deus de atender um Seu mandato?

É que o propósito do Senhor era outro. O docílimo Paulo foi para Filipos, onde o Espírito o queria (Atos 16).

O crente não tem vontade própria, a menos que queira continuar carnal.

.oOo.

Filho de Deus, sob a unção do Espírito Santo, na meditação da Bíblia, que é o instrumento deste mesmo Espírito na nossa santificação, o crente entra nesse ambiente propício à vida de oração que o identifica mais e mais com Cristo, por ser um ambiente permeado de compunção ou contrição, de despojamento próprio, de desapego de tudo e de todos, e de disponibilidade incondicional.

Por outro lado, positivamente, encontrará na meditação da Bíblia os necessários conhecimentos de Deus e da fé.

Logo após a conversão, muitos crentes, no gozo do entusiasmo, buscam as veredas da comunhão com Deus. Desanimam porque se lhes torna enfadonho esse exercício espiritual. Vêm os pretextos e vão deixando aqueles momentos de oração silenciosa.

Por que assim lhes ocorre?

É porque lhes faltam conhecimentos bíblicos.

Repitamo-lo! O crente precisa reservar algum período do seu dia para, meditando, ler a Bíblia. Assim, ele vai conhecendo melhor os atributos de Deus e as verdades reveladas. E esta bagagem, naturalmente, se torna em substrato de sua vida de oração.

É uma observação importantíssima a seguinte: Não se deve confundir com a oração este trabalho de reflexão sobre as doutrinas bíblicas e este firmar convicções pelo estudo da Palavra de Deus. Tudo isto é muito necessário. É imprescindível. Mas como preparação.

A oração, de fato, só começa quando a vontade do crente, unvida pelo Espírito Santo, toma sobrenaturalmente contato, pelo afeto, com Deus, o Pai, e a Ele se abandona por amor, para adorá-LO, louvá-LO, exaltá-LO.

A proveitosa meditação da Bíblia não se constitui num mero raciocínio intelectual. Ela deve ser entrecortada de afetos e aspirações do coração.

É uma aberração inominável que os crentes, após algum tempo de sua conversão, se tornem acomodados, frios, desentusiasmados, vales de ossos secos.

O certo é o contrário. Quanto mais se passa o tempo, mais se desenvolve em sua vida espiritual. Mais e mais cresce na graça e na vida de oração.

Nessas condições, o crente ultrapassa esta fase de trabalho discursivo de raciocínio. A sua alma está repleta de conhecimentos. A leitura e a meditação da Bíblia devem continuar indefinidamente para que ele os conserve e os renove.

Mas, após esta fase de armazenamento, o crente, com a alma saturada de verdades divinas, entra em comunicação afetiva com Deus sem esforços. E o seu viver se transforma em constante enlevo...

É de se notar a precisão que muitos sentem de exprimir com palavras ferventes de amor os seus sentimentos.

A leitura bíblica, mesmo para quem se encontra muito adiantado nas sendas da vida espiritual, indubitavelmente, é sempre imprescindível para essa oração de colóquio amoroso com Deus.

Se o crente em crescimento na graça descurar-se da Palavra de Deus, regride.

Paulo Apóstolo, possuidor do mais profundo e extenso conhecimento dos mistérios de Cristo e elevadíssimo na vivência espiritual, de cátedra, podia recomendar: **“Habite ricamente em vós a Palavra de Cristo”** (Colossenses 3.16).

É a lei normal da vida abundante: Quanto mais o crente lê e medita na Bíblia, mais ora; e, quanto mais ora, mais se desenvolve; e, quanto mais se desenvolve espiritualmente, mais fome tem da Palavra de Cristo. O crente desse teor cai num glorioso círculo vitorioso! Esse crente torna-se irradiante. Realiza-se nele a sugestão do Apóstolo: *“Instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda sabedoria”* (Colossenses 3.16).

Em crescimento na graça, o crente abebera-se dos evangelhos para sorver em largos haustos a Palavra de Cristo. Abebera-se sofregamente das epístolas de Paulo e de João, onde vai encontrar os melhores títulos da sua adoção divina e o mais genuíno roteiro para a sua conduta.

O Novo Testamento se constitui para ele no mais rico escrínio do conhecimento de Deus, da Sua natureza, das Suas perfeições, das Suas obras. Nestas alturas da intimidade com Deus, no crente acontecem as previsões de Paulo: *“Ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”* (2ª Coríntios 4.6).

Nesta vida de doce enlevo espiritual, de êxtase dulcíssimo nos mais fêrvidos colóquios com o Senhor, através das páginas dos evangelhos, contemplamos o Senhor Jesus Cristo, em cuja face se revela a glória de Deus.

Contemplamos a Cristo na meditação das passagens da Sua vida, verificamos as Suas ações cujo objeto é das complacências do Pai. Constituem-se elas em roteiro para a nossa conduta. Identificamo-nos com Ele!

“Este é o Meu Filho, o Meu eleito: a Ele ouvi” (Lucas 9.35).

“A Ele ouvi!” é a exclamação do Pai a nós outros. E nós O ouviremos na meditação de Sua Palavra guardada nos evangelhos porque Ele não nos deixou apenas o exemplo das Suas ações. Todas as Suas palavras nos revelam os segredos divinos, pois são *“espírito e vida”* (João 6.63). Contêm luz que ilumina e força que sustenta.

A Palavra de Cristo deve “permanecer em nós” como alento em nossas lutas espirituais, sempre sujeitas às debilidades de nossa natureza adâmica.

Torna-se, portanto, insubstituível a meditação dessa Palavra, cuja compreensão nos é propiciada pelo Espírito Santo. Aliás, antes de ascender aos céus, prometeu-nos o Senhor: *“O Consolador, o Espírito*

Santo, a Quem o Pai enviará em Meu Nome, Esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (João 14.26).

Recebemos, quando da nossa conversão, o Espírito Santo. Ele habita conosco e em nós permanece (João 14.17) para nos lembrar as palavras de Cristo. É que, ao meditarmos nas ações e nos ensinamentos do Senhor, pode acontecer – e acontece! – que certa passagem não nos tenha impressionado, mas um dia ela toma um relevo sobrenatural, proveniente de uma revelação súbita. É da nossa experiência encontrarmos numa mesma passagem mensagens novas e diferentes. Como um facho de luz, o Espírito Santo vai nos clareando a Palavra de Jesus e vai aquecendo-a em nosso coração para torná-la fecunda em nossa vida de oração.

Quando o crente consagra habitualmente e com fidelidade um espaço do seu dia, segundo as conveniências dos seus afazeres, para, em meditação da Bíblia, recolher essas inspirações do Espírito, então as palavras de Jesus vão se multiplicando em riquezas espirituais, inundando-o de luz divina. Realiza-se nesse crente a promessa do Senhor: *“Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crer em Mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”*. E João elucidada: *“Isto Ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nEle cressem”* (João 7.37-39).

Por este exercício devocional, a alma passa a se mover dentro da atmosfera sobrenatural e a oração torna-se-lhe como a respiração. Poderá, então, encontrar o seu Deus quando quiser, mesmo no meio das maiores preocupações.

Os momentos que, durante o dia, reserva exclusivamente para orar se constituem apenas em oportunidades para intensificar este estado. Este estado, ou vida de oração, como chamamos, é mais do que a simples presença de Deus. É um colóquio íntimo, cheio de amor, em que a nossa alma fala a Deus, às vezes com os lábios, mas, na maior parte, com o coração e Lhe fica intimamente unida, apesar da variedade do trabalho e das ocupações.

Este estado de oração, esta vida de oração, esta constância de comunicação afetuosa com Deus, se transforma para o crente num verdadeiro céu, num gozar das mais deliciosas delícias espirituais.

Que o amado irmão atinja essas culminâncias... Que consiga librar as alturas inefáveis da comunhão com Deus, amparado nas asas potentíssimas da Sua Palavra!

.Ooo.oOo.oOo.